



RELATÓRIO DE INSERÇÕES 2020

IMPrensa - MDB - RIO GRANDE DO SUL



DEZEMBRO - 2019 / FEVEREIRO - 2020



30/12/19 ZERO HORA

**ROSANE DE OLIVEIRA**

rosane.oliveira@zerohora.com.br
@rosaneoliveira

Simon, 90 anos

No dia 31 de janeiro, o ex-senador Pedro Simon completa 90 anos de idade. Para celebrar o aniversário e homenagear sua trajetória política, o MDB vai organizar um grande ato no dia 1º de fevereiro, em Capão da Canoa.

A cidade foi escolhida para a homenagem por ter sido palco de uma das mais expressivas mobilizações na campanha das Diretas-Já, em 19 de fevereiro de 1984.

Sob a liderança de Simon, a caminhada reuniu mais de 50 mil pessoas na orla de Capão para defender o direito ao voto e o fim da ditadura militar.

O episódio integra um conjunto de 15 importantes fatos protagonizados por Simon que serão recontados por meio de vídeo e exposição fotográfica.

Intitulado “90 anos Pedro Simon – uma trajetória de lutas”, o evento ocorrerá no Clube do Estádio Mariscão.

10/01/20 JORNAL DO COMÉRCIO



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br



NÚCLEO DE ACERVO E MEMÓRIA DA CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA/DIVULGAÇÃO/JC

Os 90 anos de Simon

O ex-governador gaúcho e ex-senador Pedro Simon (MDB) completará 90 anos de vida no dia 31 de janeiro. Para celebrar a data, o MDB prepara uma grande programação. Em fevereiro, será lançada, em Capão da Canoa, uma exposição fotográfica registrando 15 fatos importantes protagonizados por Simon durante a sua trajetória pública. Entre eles, a atuação a favor da cultura, como a viabilização da Casa de Cultura Mario Quintana - na foto, Simon e o poeta que dá nome ao centro cultural em Porto Alegre.

14/01/20 ESTADÃO



» **Festa...** O MDB-RS vai homenagear os 90 anos de Pedro Simon com um ato em Capão da Canoa, palco em 1984 de uma das mais expressivas mobilizações pela campanha das Diretas-Já na Região Sul do País. O ex-senador faz aniversário dia 31 deste mês. O ato está marcado para ocorrer no dia 1.º de fevereiro.

COLUNA DO ESTADÃO

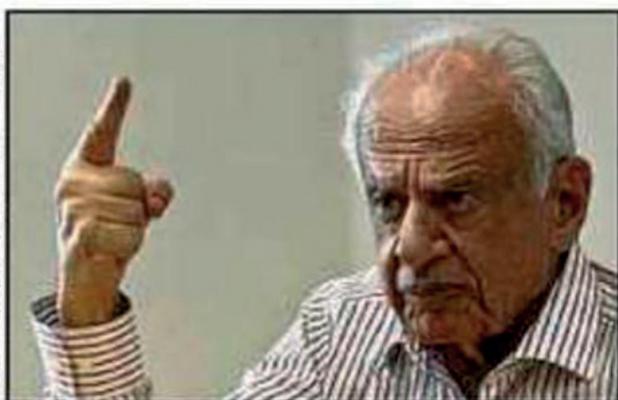


» **CLICK.** Pedro Simon (à dir.) com Ulysses Guimarães na campanha das Diretas-Já. O conteúdo está no site do MDB-RS (www.mdb-rs.org.br/PedroSimon90Anos).

16/01/20 CORREIO BRAZILIENSE

CORREIO BRAZILIENSE

Breno Fortes/CB/DA Press - 17/5/18



Simon, 90 anos/ O MDB do Rio Grande do Sul prepara uma megafesta 1º de fevereiro, para marcar o aniversário do eterno senador Pedro Simon (foto), 31 de janeiro. No site do MDB gaúcho, é possível encontrar um resumo da trajetória de uma das figuras mais respeitadas da política nacional.

17/01/20 ZERO HORA

RBS BRASÍLIA

SILVANA PIRES INTERINA

silvana.pires@gruporbs.com.br
@silvana_pires

Ainda tem mais... 90 anos de Simon

Interlocutores do Palácio do Planalto acreditam que há mais coisas para virem à tona envolvendo o secretário de Comunicação do Planalto, Fábio Wajngarten. Ontem, Bolsonaro afirmou que o auxiliar segue no cargo e que, pelo que viu até agora, “está tudo legal”.

O presidente nacional do MDB, Baleia Rossi, confirmou presença no ato “90 anos Pedro Simon – uma trajetória de lutas”. A festa para comemorar o aniversário será no dia 1º de fevereiro, em Capão da Canoa. O evento é aberto ao público, que pode confirmar presença no site do MDB-RS.

17/01/20 CORREIO DO POVO



TALINE OPPITZ

taline@correiodopovo.com.br

90 anos

O MDB colocará no ar nesta semana a página “90 anos Pedro Simon – uma trajetória de lutas”. O portal destacará os preparativos para a festa de aniversário de Simon e a trajetória do ex-senador. O evento ocorrerá no dia 1º de fevereiro, em Capão da Canoa, palco de uma das mais expressivas mobilizações pela campanha das Diretas Já no Estado. A caminhada realizada no dia 19 de fevereiro de 1984, sob a liderança de Simon, reuniu mais de 50 mil pessoas na orla em defesa do direito ao voto e pelo fim da ditadura militar. Para marcar o aniversário do emedebista, mais de mil pessoas são esperadas entre amigos, eleitores e políticos.



ACERVO MDB MEMÓRIA / CP

20/01/20 JORNAL DO COMERCIO

Repórter Brasília
Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

MDB lembra as Diretas Já

Em campanha que o partido quer o maior número de prefeituras do País, o MDB comemora os 90 anos do ex-senador Pedro Simon, dia 1º de fevereiro, em Capão da Canoa. Vai lembrar as Diretas Já. Será o evento de relançamento político do MDB no Rio Grande do Sul.

Momento épico

Um momento épico da trajetória do político gaúcho, quando Simon (foto), no dia 19 de fevereiro de 1984, em plena temporada de verão, catalisou uma multidão numa passeata em favor das Diretas Já será lembrado. Sem planos nem organização, Simon foi para a orla marítima da praia de Capão da Canoa, no Litoral do Rio Grande do Sul, e, aos poucos, espontaneamente, foi sendo cercado pela multidão de banhistas que iniciou uma jornada de protestos. Importantes fatos da vida pública de Simon, serão recontados através de vídeo e exposição fotográfica. Uma justa homenagem.



MARIANA CARLESSO/ARQUIVO/JC

26/01/20 CORREIO DO POVO

DIÁLOGOS CP

Na casa de Pedro Simon em Rainha do Mar, no município de Xangri-lá, o ex-senador recebeu o **Correio do Povo** para uma conversa. Perto de completar 90 anos, no próximo dia 31, descendente de imigrantes libaneses, nascido em Caxias do Sul e advogado, foi governador entre 1987 e 1990, ocupou uma cadeira no Senado por 4 vezes, além de ter exercido mandato de deputado estadual e ter chefiado o Ministério da Agricultura no governo do presidente José Sarney. Construiu uma trajetória pública de 65 anos, o que lhe deu um olhar acurado sobre a política nacional. Como testemunha viva da história, um dos criadores do MDB e protagonista no movimento Diretas Já, ele considera estar vendo um novo momento histórico do país, em que as redes sociais ganharam importância no debate político. O ex-senador prevê um ano de 2020 complicado nas eleições municipais.

4 | CORREIO DO POVO • DOMINGO | 26/1/2020

CORREIO DO POVO



PEDRO SIMON
GABRIEL ZANIN GUEDES

Como o senhor está percebendo o Brasil de agora?

Eu tenho 65 anos de política e nós nunca vivemos um período tão significativo quanto este que estamos vivendo agora. E eu vivi em 1964 a derrubada do Jango, a criação da ditadura, o movimento MDB pelas Diretas Já, a eleição do Tancredo, o Sarney assumindo, o período do Collor, do Fernando Henrique e do Lula. Mas hoje há uma diferença: nós temos que nos interrogar como está este governo? Digo que ele deve ser analisado sob alguns ângulos. Primeiro, não há como deixar de reconhecer que estamos vivendo um momento estranho. Aquele presidente da República, uma figura que durante toda sua vida, que durante 27 anos foi deputado federal e não teve nenhuma participação maior na política brasileira, de repente surgiu no auge da Lava Jato, da modificação, das mudanças, das mágoas, do sofrimento. Todo mundo queria mudar e tinha que ser feito alguma coisa. Ele surgiu com a candidatura e foi realmente uma coisa espetacular, uma vitória maiúscula em cima dos demais partidos políticos. Ele tinha um partido insignificante. Não fez a campanha, levou uma facada e ficou hospitalizado. Não participou dos debates, das entrevistas, não foi a comício e não foi a lugar algum e muita gente disse que isso foi fundamental para vitória dele. Se ele tivesse se exposto, talvez o resultado tivesse sido diferente. O que se capitalizou nesta eleição foi a presença dos movimentos, da mocidade, das redes sociais, uma participação até então nunca

imaginada. Nós imaginamos, uns tempos atrás, a força que a Rede Globo teve na história do Brasil. Ela foi a grande responsável pela queda do Jango em 1964, fazia oposição radical e tinha praticamente o controle total da imprensa. Nesta eleição, o papel da imprensa foi muito inferior. As redes sociais atuaram, debateram, atualizaram e modificaram e foi realmente uma verdadeira revolução.

As pessoas estão participando mais diretamente da política...

Como nunca fizeram antes. Então ele (Jair Bolsonaro) ganhou, se elegeu. E a partir da eleição, mais algumas análises precisam ser feitas. Ele escolheu uma pessoa importante, o juiz Sérgio Moro. A partir da sua grande atuação na Operação Lava Jato, se modificou a história do Brasil. A história do Brasil se divide entre antes e depois da operação. O Brasil tem longa trajetória de impunidade, onde praticamente a punição só existia para gente pobre e humilde. Qualquer posição mais importante, mais significativa, não tinha um dia de cadeia. O Brasil tem isso. Não há na nossa história até a Lava Jato, um político importante, um empresário, um militar, um senador, um deputado que tivesse um dia de cadeia. De repente teve isso. Presidente da República foi pra cadeia, políticos perderam mandato, presidente da Câmara está na cadeia, empresários dos mais ricos foram pra cadeia. Isso realmente balançou a república brasileira. Isso fez com que a figura do Moro adquirisse uma projeção muito grande. E a escolha dele para ser

o ministro da Justiça, e mais o Ministério da Segurança Pública, dando poderes para ele agir, deram credibilidade muito grande. A outra foi a escolha do ministro da Economia. Na escolha, ele (Bolsonaro) teve uma atuação muito significativa: escolheu um homem de responsabilidade. O Guedes na frente e todos os auxiliares dele, com uma unidade na economia. Isso nunca foi feito. A gente sabe que qualquer briga que tinha na área de economia, das finanças, qualquer, um ministro falava A, outro B e a área econômica ficava totalmente dividida, sem ninguém com autoridade. Isso ele fez. E uma coisa muito importante, neste primeiro ano, é que não se vê briga, divisão na área econômica do governo.

O senhor é profundo conhecedor do Poder Legislativo. Como foi esta relação do presidente com os parlamentares?

Foi de aspecto negativo. Primeiro, já temos 30 partidos e mais uns 20 que estão para se criar. E agora o presidente quer mais um. Então, a via partidária é muito conturbada. Mas aconteceu uma coisa interessante: o presidente da República tem uma atuação muito inexpressiva com o Congresso Nacional, não tem liderança, uma maioria garantida. É uma interrogação a cada projeto. O Congresso começou a ter atuação: de modo especial o presidente da Câmara. Justiça seja feita, ele está tendo uma atuação, uma coordenação, e o Senado está vindo atrás e, pela primeira vez, estamos sentindo que as reformas de base podem

CONTINUA

CONTINUAÇÃO

26/01/20

CORREIO DO POVO

CORREIO DO POVO

26/1/2020 | CORREIO DO POVO +DOMINGO | 5

ser implantadas. E o que é mais importante, sem uma guerra, sem uma luta, mas dentro de uma perspectiva positiva do que acontece.

É saudável este protagonismo do Congresso?

Já tinha acontecido isso na reforma trabalhista, aconteceu na reforma da previdência e vai haver mais ou menos a mesma coisa na reforma administrativa, na reforma política e na reforma dos impostos. Vai haver uma modificação e uma atuação importante do Congresso Nacional. Os presidentes da Câmara e do Senado estão tendo a competência para coordenar os deputados e senadores para eles atuarem nestes dias. A situação está assim: tem esta divisão, o presidente está muito perturbado e nós precisamos ter uma atuação. E isso, estranhamente, de uma maneira positiva, está funcionando. Temos que salientar que é o que está acontecendo.

Senador, e o aspecto econômico?

Neste ano a economia vai melhorar. Nós vínhamos de um quadro de recessão mundial e estávamos dentro dele. O 13 milhões de desempregados é um número que assusta. Realmente, nós temos que fazer o máximo possível para diminuir este quadro. Nossa agricultura está indo de uma maneira fantástica. Quando fui ministro da Agricultura, fizemos uma festa quando o Brasil produziu 50 milhões de toneladas. Hoje estamos produzindo infinitamente mais e a nossa perspectiva, em termos de futuro, é ilimitada. Temos um Brasil com tamanho de continente e as maiores reservas de água doce do mundo, as maiores reservas de terras agricultáveis e reservas de minérios. O Brasil é uma potência, está na hora de acordar. O setor agrícola do Brasil vai crescer. Nosso problema será a colocação no mercado daquilo que podemos produzir. Mas uma questão mais controversa, no qual não se tem um debate, são as privatizações das empresas públicas. Quero dizer, há um sentido de privatizar, de o Estado ficar praticamente com o mínimo. Mas como isso vai ser feito e o que vai acontecer realmente, isso não se tem resposta. O ministro da Economia não tem um passado de participação, não escreveu um livro, não ocupou um cargo. E o cargo que ele ocupou foi no Chile. E essas reformas que foram feitas no Chile hoje têm alguns resultados. A educação do Chile ia bem. Privatizaram. Tudo bem, mas agora a escola atingiu um preço tal que eles não têm condições de pagar. A saúde ia bem, melhorou, mas privatizaram e agora o trabalhador não tem dinheiro para saúde, para escola, não tem dinheiro para o transporte. Então, analisando o Chile, o Brasil deveria analisar como vai conduzir. Hoje nós temos o SUS, que bem ou mal, funciona. No mundo inteiro, acho que somos o único país em que a saúde é um dever do Estado. Então, imagina, se todo mundo, de uma hora pra outra, tem que pagar pela saúde? No Chile foi feito isso. Então acho que essa análise precisa ser feita com mais cuidado.

E o futuro do MDB em meio a tantos partidos?

O MDB tem uma série de problemas, mas o único partido que movimentou o povo foi o MDB. O partido traçou a linha, o povo veio, nós derrubamos a ditadura e fizemos a democracia. Isso é positivo. Mas também, de lá pra cá, o MDB ficou misturado com outros partidos, vai aqui, vai ali. Ele tem que se refazer. Tem uma história, uma biografia, mas em termos de futuro, estamos vendo a possibilidade de ver o que se faz. O próprio Supremo e o Congresso estão estudando em abrir es-



ta emenda da cláusula de barreira. É a melhor coisa que pode acontecer. Acho que isso é muito importante e é muito significativo.

Como está o governo Eduardo Leite e a relação do MDB?

Eu venho discutindo há tempos o problema do RS. No Congresso Nacional, tive inclusive um momento de encontro comigo, o Paulo Paim e o Sérgio Zambiasi, fomos ao Lula e ficamos com ele e a Dilma, chefe da Casa Civil, até tarde da noite, discutindo a situação do Rio Grande do Sul. E eu discutindo com o presidente, dizia: "Olha, presidente, o Rio Grande do Sul está em uma situação dramática. É uma situação que vem de tempo e até agora a gente não consegue decidir, debater, analisar as coisas". E propus a ele uma comissão, um trabalho para analisarmos o governo do RS. Ele topou, a Dilma topou. Mas o governo do Estado, que era do PT na época, não topou. Não houve nada. E continuou não tendo nada. Não podemos esquecer que lá atrás, o RS só perdia para São Paulo. Pode pegar o **Correio do Povo** de cem anos atrás. O trecho da ferrovia de Farroupilha até Veranópolis, o Estado fez. A ferrovia de Uruguaiana e de Livramento até Porto Alegre e de Porto Alegre até Santa Catarina, o governo fez, com bitola estreita porque a Argentina era bitola larga e a guerra era inevitável. O Rio Grande do Sul fez os prédios que são hoje da Universidade Federal (UFRGS). Quero dizer que o RS tinha um grande desenvolvimento. Com o tempo, as coisas foram ficando difíceis.

Quando andei pelo Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, fiquei impressionado com o que tem de gaúcho lá. Tem até no Paraguai. Tudo bem de vida. Tudo gente daqui, fazendeiro. Gente que saiu e são donos de lá. Eles foram pra lá e as terras aqui ficaram vazias. São cidades das quais eles foram embora e praticamente não têm nada. Nunca se olhou para este problema. Quando tinha a Lei Kandir, eu lutei, berrei contra. O que é esta lei? Os produtos exportados, as produções agrícolas, tudo pagava imposto. O Estado recebia. A lei acabou e o Estado não recebe mais. São Paulo não tem problema porque importa muito e exporta mais ainda. Agora, nós exportamos muito e importamos pouco. As premissas da Lei Kandir eram uma montanha de dinheiro. O governo dizia que compensaria a diferença se a exportação fosse muito maior que a importação e essa diferença o governo faria. Não pagou até hoje. Então toda esta discussão sobre a dívida do Rio

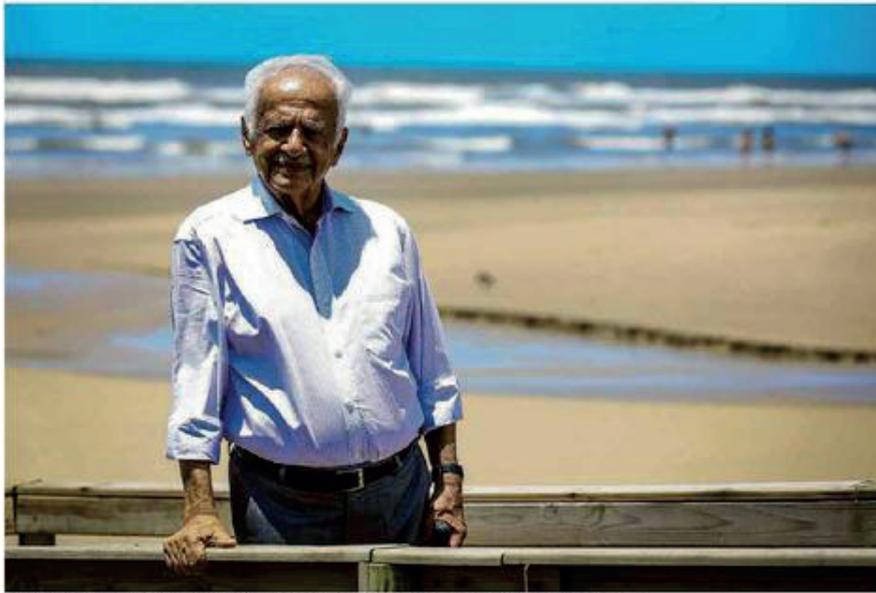
Grande que é impagável por causa disso. Se sentarmos na mesa, discutir, o que o governo não quer, a Lei Kandir nós resolveríamos o problema do Estado. Mas não há mobilização sobre isso e foi o que levei ao Lula. E ele ficou impressionado e a Dilma também. Eles toparam fazer a reunião. Mas o governo do Estado não quis. Se o governo federal não pode pagar a lei, nós não podemos pagar porque ele não nos pagou. E nem a grande imprensa debate isso. Vejo muitos jornalistas, e jornalistas competentes, que falam que não adianta chorar sobre a Lei Kandir. Mas a dívida existe. É algo muito simples.

O que senhor acha da gestão de Eduardo Leite?

Eu gosto dele, é um rapaz competente, fez uma boa prefeitura em Pelotas. Mas o Sartori foi um baíta governador. Levou esta situação também com muita competência, muita seriedade. O governo Sartori não aumentou o funcionalismo, não botou mais gente, não fez absurdos. A última eleição foi uma eleição dramática para o governo do Estado. Nos outros Estados foi uma confusão. Mas um cara que foi perfeito, que não tem uma vírgula, foi o Sartori. Isso é um ponto positivo. Faço questão de dizer que toda essa bandalheira que tem por aí, aqui no RS não envolve partidos, não envolve governadores. Isso é bacana. Aqui no RS a política é diferente. O Leite está continuando a fazer o que o Sartori fez. O Sartori fez o que foi possível e não tem milagre. Mas é claro que na campanha o Leite tinha que dizer que no primeiro ano ia parar de parcelar os salários e ele ganhou com isso. Os professores estão ganhando pouco, mas o governo não tem como pagar. Então como vamos fazer? Tem algumas coisas que ainda levam uma interrogação, quando a imprensa fala de professores em fim de carreira, com mestrado, ganhando "x", e um cabo da Brigada ganha "x+2". Então essas diferenças não sei responder, mas deve ser respondido. Mas que o RS está muito mal, está. Tenho respeito pelo que o governador está fazendo e a coisa certa é continuar o que o Sartori fez. Mas o problema do Rio Grande do Sul é muito mais sério. A imprensa toda tinha que se reunir para debater. Tem coisas que não é de bater boca pelo jornal. É de se entender e fazer alguma coisa.

FOLHA DE SÃO PAULO *** entrevista da 2ª

SEGUNDA-FEIRA, 27 DE JANEIRO DE 2020 A15



O ex-senador e ex-governador Pedro Simon, em praia de Xangri-lá, no litoral gaúcho, onde passa o verão

Pedro Simon, 89

Nascido em Caxias do Sul (RS), foi um dos líderes do movimento Diretas-Já. Iniciou a vida pública no PTB como vereador da cidade. Com o AI-2 da ditadura, que implantou o bipartidarismo, ajudou a fundar o MDB. Foi deputado estadual (1963-1979), senador (1979-1987), governador do Rio Grande do Sul (1987-1990) e novamente senador (1991-2015). É formado em direito pela PUC-RS

Pedro Simon

A democracia está bem; reformas estão saindo e isso é altamente positivo

Um dos líderes do movimento pelas Diretas, ex-senador diz que Bolsonaro fala demais e critica falta de consistência de Luciano Huck

PODER

Paula Spierb

XANGRI-LÁ (RS) Os carnos passaram mais devagar em frente à casa de varanda ampla e poucas quadras do mar. A baliza velocidade e para que consigam enxergar o morador, o ex-senador Pedro Simon (MDB), que completa 89 anos na próxima sexta-feira (31).

O gaúcho responde aos acesos levantando o braço. Foram ao menos dez cumprimentos em uma hora de entrevista, incluindo os apertos de mão na beira da praia de Ramalha do Mar, em Xangri-lá, onde "veraneia" há pelo menos 52 anos. Sua aniversário será celebrado no dia 2º, em Capão da Canoa, mesma cidade litorânea onde liderou a passeata das Diretas-Já em 1984, com cerca de 50 mil pessoas em um domingo de verão.

Nascido em Caxias do Sul, onde iniciou sua vida política como vereador, foi deputado estadual, federal, governador, ministro e senador. De 1979 a 2015, Simon só não se elegeu para o Senado quando foi eleito governador.

O emedebista tem viajado pelo Brasil para realizar palestras gratuitas para estudantes. Seu livro de cabeceira é a Bíblia, que alterna com leituras sobre atualidades. Incentivado pela mulher Ivete (Vilber Simon, ex-prática pilates, vai à academia e sobe e desce seis lances de escadas do seu apartamento, no bairro Petrópolis, em Porto Alegre. Lembrado especialmente

por sua atuação pela redemocratização, Simon acredita que, sob o governo Jair Bolsonaro, a "democracia está bem". Diz que votou em branco pela primeira vez em 2018 e negou ter dado "apoio crítico" a Bolsonaro, como o MDB gaúcho no segundo turno.

Depois de sua luta pela redemocratização, como o senhor avalia o Brasil de hoje? A democracia está bem. Tivemos os governos do PT, que tudo mudou se assistava. "O Lula, que vai implantar o comunismo, o não sei o quê", diziam. Sob o ponto de vista institucional, ele se saiu bem.

Teve o [Fernando] Collor, um cara todo complicado, cassado pelo impeachment. Saca o impeachment, a normalidade democrática continuou. O Itamar [Franco] foi um governante espetacular. Veio o Lula, o afastamento da Dilma [Rousseff], que não foi por corrupção, foi por não cumprir regras da administração pública.

Agora veio o Bolsonaro. Sob o ponto de vista institucional, estamos bem. Sinceramente, estamos bem. As reformas estão saindo, é altamente positivo.

Uma das coisas que gostei do Bolsonaro, quando assumiu, foi convidar o [Sergio] Moro e dizer: "Vai ser meu ministro da Justiça e da Segurança, eleva ter plena e total [autonomia] e pode até ser meu filho [ironizando], eu compreendo". Agora, no dia a dia que estamos vivendo, a coisa

está um pouco diferente. O filho do Bolsonaro [Flávio] está em uma confusão enorme e, em função disso, o Bolsonaro não está tendo mais aquela firmeza que ele tinha com relação ao Moro.

O que o senhor pensa sobre Bolsonaro? Ele fala demais e fala equivocado. Ele diz algumas coisas que não precisava dizer. Ele criou um problema com os israelitas, falou que ia transferir a embaixada de Tel Aviv para Jerusalém. Ele fez a confusão com o presidente norte-americano, que matou o general do Irã. Essas confusões que ele faz, ele não está sendo feliz.

Como o senhor viu o episódio do secretário da Cultura (Roberto Avelin, que parafrazeou um discurso nazista)? É uma piada, não entendo. Fico pensando, será ingenuidade? Será falta de visão? Pergar aquela frase e mudar dias, três palavras. Não entendo. Acho que foi uma coisa à beira da irresponsabilidade. Foi muito infeliz.

O senhor se sente incomodado quando vê esse tipo de comentário? O próprio Bolsonaro elogia o comediante Ustra [fortemente na ditadura], por exemplo, uma figura que o senhor ajudou a combater. São as infelicidades dele. O comandante Ustra é uma figura já marcada, todo mundo sabe quem ele é. Lembra-se ele para elogiar, essas coisas... Parece que ele quer se definir como

o cara de direita. Nisso, ele não está sendo feliz.

O senhor defende uma coalizão de centro para as próximas eleições? A forma de se organizar pode ser a mais variada. Os de centro, os da esquerda, da direita. O essencial é um movimento que consista no que fazer, em torno de quem vamos nos reunir e para onde nós vamos caminhar. O Bolsonaro tem o movimento dele, o Lula tem o movimento dele.

“Ele [Bolsonaro] fala demais e fala equivocado. Ele diz algumas coisas que não precisava”

A participação [política, hoje] é muito maior e mais significativa. Esses nossos celulares são uma arma do povo. Se o governo fizer algo de violento e radical, o povo vai para a rua

Qual sua opinião sobre o Lula fora da prisão? Ele não foi feliz quando saiu da prisão. Ele tinha que imitar o [Nelson] Mandela. Falar em união, em entendimento, que é hora da paz, organizar para fazer as coisas. Não paraderubar o Bolsonaro, não para unir o povo contra. Todo mundo imaginava que ia acontecer isso, o Lula e o presidente [em confronto]. Dessa briga, os dois saíram ganhando. É isso que se imaginou. Mas aí, surpreendentemente, acho que não foi o Bolsonaro mas a equipe dele, desistiu o Lula, não respondeu. Ninguém respondeu. Ele parou de falar.

O que o senhor acha do nome do Luciano Huck para candidato a presidente? Não vejo consistência nenhuma. Inventaram o Collor. A Globo elegeu ele presidente, deu no que deu. Esse Huck é um bom homem de televisão, um bom comunicador. Mas ser bom comunicador e ser um bom presidente são coisas diferentes. Acho que não tem lógica.

Mas é que está um vazio. O Lula vai ser ou não vai ser [candidato]? Não sei. No meio desta confusão do Brasil, acho que temos que fazer alguma coisa. O problema é que essa eleição que passou, nunca aconteceu [semelhante] na história do Brasil.

Bolsonaro se elegeu sem fazer um comício, sem usar os programas de televisão, sem ter os debates. Olha a facada que ele levou. Muita gente diz que ele se elegeu por causa disso. Com essa confusão que ele cria quando fala, se tivesse ido para o debate, o pessoal tinha amassado ele.

Sobre Bolsonaro, na época da eleição o senhor declarou apoio crítico. Não, não.

Mas o MDB do Rio Grande do Sul fechou posição de apoio crítico. Eu votei em branco. Tinha certeza de que o Bolsonaro ia ganhar. Não tinha nenhuma dúvida. Não comprometi meu voto. Votei em branco. Foi a primeira vez na vida que votei branco. Fiqui velho para votar em branco, mas ali não tinha saída.

Daí gosto muito do [Fernando] Haddad. É um cara que tem dignidade, tem coragem. Foi um bom prefeito de São Paulo, foi um bom ministro, não tenho uma virgula contra ele. Mas o Lula compro-

meteu tudo. Tirou qualquer perspectiva de vitória quando a campanha não deu bola para o Haddad e era "Lula livre, Lula livre".

Como o senhor avalia a Operação Lava Jato? Sou totalmente a favor. No Senado, brigamos, lutei [contra corrupção]. O Brasil se divide em dois: um antes e um depois da Lava Jato. Até a Lava Jato, é triste dizer, mas o Brasil era o país da impunidade. A cadeia cheia de gente, mas um cara com dinheiro, militar, um político e um grande empresário nunca iam para a cadeia. Lamentavelmente, o STF voltou atrás no meio do processo [sobre prisão de condenados em segunda instância].

O senhor acha que as mensagens reveladas pela Vaza Jato abalaram a credibilidade da operação? Todas as coisas que a gente vê, pode ter alguma equívoca, coisa errada. Mas não vejo nada que influa no processo.

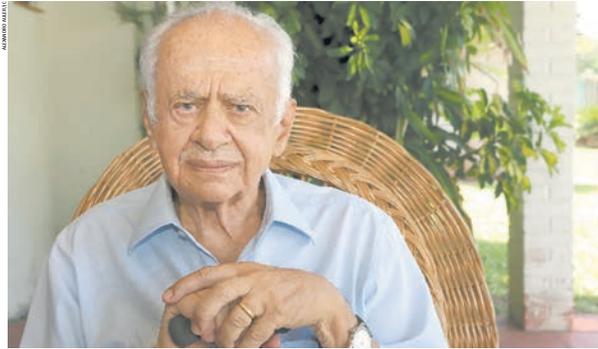
Naquela época havia uma empolgação. Numa das falas, Moro tem o procurador, sobre o Fernando Henrique, e Moro diz que não tem nada contra ele. O procurador deturpou, mas não teve nada. Foi uma das manchetes [da Vaza Jato]. Quando a Dilma nomeou o Lula chefe da Casa Civil, o Moro publicou a gravação. Não discuto. Só tem uma coisa: era verdade ou mentira? E se o Lula tivesse sido nomeado, mudava tudo.

Qual a sua avaliação da configuração atual do STF? É muito triste. Legião mais do que o Congresso. No início, achei positivo transmitir [sessões do STF] pela TV [Justiça]. Hoje acho que não. Fazem sentenças de três, quatro horas que não representam coisa nenhuma. Não é para conhecer o povo, mas o colega que está do lado dele.

O que o senhor pensa para o futuro do Brasil? Tem coisas boas, por exemplo, essas palestras nos ingressos entram na facilidade. Mas os erros são grandes que a gente se pergunta o que vai acontecer. A elite brasileira é muito triste.

O início da ditadura foi um golpe de cima para baixo. Hoje, é diferente. A participação é muito maior e mais significativa. Esses nossos celulares são uma arma do povo. Se o governo fizer algo de violento e radical, o povo vai para a rua.

27/01/20 JORNAL DO COMERCIO / CAPA



Ex-senador cita Lei Kandir e propõe debate sobre encontro de contas com o governo federal para fortalecer o Estado na discussão do RRF p. 18 e 19

Pedro Simon quer 'unir o Rio Grande' em negociação sobre dívida da União

27/01/20 JORNAL DO COMERCIO

Simon quer unir o Rio

Entrevista Especial

Guilherme Kolling, de Rainha do Mar
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

Aos 90 anos, o ex-senador e ex-governador Pedro Simon (MDB) se sente disposto a inspirar um debate que una o Rio Grande do Sul em torno de uma causa: a melhoria da situação do caixa do Estado através de um encontro de contas com a União.

Simon admite que a dívida com o governo federal é impagável, mas pondera que o Rio Grande do Sul teve perdas de arrecadação desde a Lei Kandir de 1996, que isenta de imposto a exportação de produtos primários e semielaborados. A União deveria compensar os estados exportadores, mas o tema não foi regulamentado.

Crítico das perdas históricas do Rio Grande do Sul, Simon lembra disputas difíceis em que o Estado saiu vencedor através da união de forças, caso da instalação do Polo Petroquímico de Triunfo.

Embora avalie que é difícil formar um consenso em torno da Lei Kandir - "todo mundo só fala: 'não dá, isso está superado, a União não tem como pagar'" -, Simon argumenta que a causa é justa e sustenta que um entendimento local daria força ao governador Eduardo Leite (PSDB) em sua negociação sobre a dívida com a União.

Simon já aconselhou o futuro presidente da Assembleia Legislativa, deputado estadual Ernani Polo (PP), a liderar o debate no Parlamento gaúcho em 2020, sobre o encontro de contas com a União.

"Vale a pena discutir. A Lei Kandir, até acho que é justa, porque, se as exportações pagam imposto, aumenta o valor da mercadoria, que perde competitividade. Agora, deixaram nosso orçamento com um vazio: tiraram o imposto de exportação e não colocaram nada ali."

Depois de 56 anos atuando como vereador em Caxias do Sul, deputado estadual, governador e senador, Simon está sem mandato há meia década, mas segue fazendo política. "Não me sinto velho. Nesse ano que passou, viajei pelo Brasil fazendo palestras, conversando com a mocidade - agora, estou de bengala, mas nunca tinha usado -, e me sinto inteiro, com vontade de fazer alguma coisa."

Jornal do Comércio - Volta e meia, fala-se, durante campanha eleitoral, que a última vez que o Rio Grande do Sul se uniu foi em torno do Polo Petroquímico de Triunfo. O senhor participou...

Pedro Simon - O (Síval) Guazzelli era governador, o (Ernesto) Geisel, presidente. E havia o debate se o polo petroquímico tinha que ser no Rio Grande. Criamos uma comissão (Simon era deputado estadual). Foi uma guerra, uma luta: "Tem que ser no Rio Grande!"; "não, porque no Rio Grande não tem petróleo, não tem minério, não tem por que ser no Rio Grande do Sul!". Fizemos um trabalho na comissão, ouvimos Deus e todo mundo, debatemos... "E no Rio Grande do Sul!"
Aí, no fim da discussão, o Guazzelli: "Ó Pedro, uma boa notícia. Falei com o presidente. Vai sair o polo petroquímico". Que bacanal! "Só que o terceiro polo vai para a Bahia, mas ele garante que o próximo será nosso." O que é isso? Sai o terceiro no governo dele e outro nunca vai saber quando... Aí marcaram a vinda do Geisel ao Rio Grande do Sul. Guazzelli, quando viu que a gente ia insistir, não quis fazer reunião em Porto Alegre, fez em Livramento. E levamos a Livramento arcebispo, comandante do III Exército, presidente da Assembleia, indústria, todo mundo. Na reunião, Guazzelli falou meia dúzia de coisas, "e agora, em nome do Rio Grande do Sul, o líder da oposição, que é o presidente da comissão". E, modestia à parte, falei tanto que o Geisel deu um prazo de 20 dias para mandarmos as explicações que eles queriam. Fizemos um roteiro, trabalhamos 24 horas por dia e mandamos. E o polo petroquímico veio para o Rio Grande. Uma coisa que veio da oposição.

JC - Foi a última vez que uma

causa uniu o Rio Grande do Sul?

Simon - Concorde. Outro movimento, da oposição, foi para construir a Aços Finos Piratini. Uma briga. Também fui presidente da comissão da Aços Finos Piratini. Fizemos um grande debate, o Estado tinha se comprometido a investir, completou parte da obra, e o governo (federal) autorizou. Agora, para isso, passamos ao governo federal a Aços Finos, porque não tinha dinheiro para fazer (sozinho) uma obra cara. Uma vitória espetacular, entrou em operação e está funcionando. Depois privatizaram, o (Jorge Gerdau) Johannpeter transferiu (a Gerdau) para São Paulo, mas a Aços Piratini está aí até hoje. Quer dizer, fizemos mil coisas (críticas ao governo), CPI sobre tortura, mas o que era bom para o Rio Grande era bom para nós, uma oposição que o pessoal não entende. Agora, isso que tu estás falando de união do Rio Grande, tentei fazer quando veio a Lei Kandir.

JC - Como?

Simon - A Lei Kandir foi uma desgraça para o Rio Grande do Sul. Vejo esse debate em torno da dívida, mas não se fala do mais importante: a situação do Rio Grande do Sul vem ao longo do tempo, antes da Revolução de 1930, quando a maior economia era São Paulo, e a segunda, o Rio Grande do Sul. Tinha uma posição de desenvolvimento e foi decaindo... Hoje, a economia de São Paulo é a primeira, depois tem Minas, Rio, Bahia, até Paraná. O que aconteceu, primeiro, houve uma convicção de que o Brasil tinha uma guerra inevitável com a Argentina, então colocaram metade do Exército na fronteira. Se, ao invés de colocar um monte de quartéis, colocassem indústria, seria uma coisa fantástica. Mas teve até lei proibindo indústria na região



"A dívida do Estado com a União é impagável. Mas a dívida que a União tem também é"

27/01/20

JORNAL DO COMERCIO

Grande em negociação com a União

Perfil



Pedro Jorge Simon é natural de Caxias do Sul e completa 90 anos na sexta-feira. Advogado e professor universitário, foi líder estudantil e vereador, a partir de 1960, em sua cidade natal. Em 1962, assumiu como deputado da Assembleia Legislativa, permanecendo por quatro mandatos, até 1978, quando se elegeu ao Senado. Simon foi um dos líderes do MDB, partido de oposição ao regime militar, e coordenou a campanha Diretas Já. No governo de José Sarney, foi ministro da Agricultura e liderou o governo Itamar Franco no Senado, quando aprovou o Plano Real no Parlamento.

Em 1986, venceu a eleição para o governo do Estado, que comandou de 1987 a 1990. Depois, voltou ao Senado para mais três mandatos, tendo sido eleito em 1990, 1998 e 2006. Em 2014, não iria concorrer, mas a morte de Eduardo Campos, candidato do PSB ao Planalto, levou Beto Albuquerque à disputa presidencial como vice de Marina Silva, e Simon acabou disputando o Senado, mas não se reelegeu. Há cinco anos sem mandato, segue atuante, fazendo palestras, dando entrevistas e sendo ouvido pelo seu partido, o MDB, e por lideranças políticas do Rio Grande do Sul e do Brasil.

da fronteira com a Argentina, até hoje não tem uma fábrica naquela região. E nunca se estudou uma forma de dar uma chance a essa região. Então, estão lá a Metade Sul, a Fronteira (Oeste) se depauperando. Quando (Paulo) Paim (PT), (Sérgio) Zambiasi (PTB) e eu éramos senadores, mostramos isso ao presidente Lula e à (então) chefe da Casa Civil, Dilma (Rousseff). E analisamos inclusive essa lei (Kandir), como ela era terrível para o Rio Grande do Sul. Foi daquela discussão que eles concordaram em botar um item na lei dizendo que a União compensará os estados. Mas não resolveu nada.

JC - Não foi regulamentado.
Simon - Na discussão, debati, gritei, mas não conseguimos forçar o movimento de defesa do Rio Grande do Sul... E podem dizer o seguinte: "Não, mas a dívida que o Estado tem com a União é impagável". É verdade. Mas a dívida que a União tem com o Rio Grande do

Sul também é impagável, pô! Então não queremos dinheiro, não queremos obras. Quer dizer, eles não nos pagam e nós fazemos a compensação.

JC - Um encontro de contas.

Simon - Até hoje, não conseguimos unir o Rio Grande para defender essa tese. Quando falo isso, dizem "não, isso está superado, isso não tem como, isso não tem chance". Todo mundo só fala isso, "não dá, a União não tem como pagar" (as compensações pelas perdas com a Lei Kandir). Mas, se reparar nas finanças do Rio Grande do Sul, onde é que ela começou a degingolar? Quando a Lei Kandir entrou em vigor, a nossa economia deixou de arrecadar, aí é que está o déficit. Então, hoje, tudo é em função disso, "estamos devendo para a União". E a União está devendo para nós a Lei Kandir. Então o que quero é muito simples: a União não tem como pagar. Nós também não temos como pagar a União! Faz

uma compensação. É simples essa questão, e não consigo reunir o pessoal. Ainda hoje, falando com o futuro presidente da Assembleia (Ernani Polo), disse: "Olha, quem sabe vamos fazer, presidente. Acho que você vai fazer um debate tranquilo e sereno em cima disso".

JC - Essa é a agenda que poderia unir o Rio Grande do Sul?

Simon - Evidente! Deveria unir o Rio Grande do Sul. E agora, com um novo presidente da Assembleia, sim, vale a pena discutir. A Lei Kandir até acho que é justa, porque em nenhuma parte do mundo as exportações pagam imposto. Quando pagam imposto, aumenta o valor da mercadoria e perde competitividade. Agora, o que não podia é o governo fazer isso sem nos dar um período para nos recolocar. Nem nos deu um imposto para entrar no lugar desse. Quando conversei com Lula, ele se comprometeu a fazer a compensação, está na lei. Só que na hora de cobrar...

JC - O Regime de Recuperação Fiscal (RRF) prevê que o Estado não leve adiante ações judiciais contra a União. Entre elas, há o caso da Lei Kandir.

Simon - Esse é o medo que tenho, abrir mão em troca de migalha. O governo (federal) está com a faca no pescoço do Rio Grande do Sul. Por isso, acho importante fazeremos um entendimento agora, para dar força ao governo (Leite). É uma questão muito importante. Vão dar 2 mil reais para o Rio Grande abrir mão do debate que está no Supremo. Aliás, o STF já tinha dado ganho para nós, determinando que o Congresso fixasse a forma de compensação, só que não aconteceu.

JC - Outra questão é o ajuste fiscal, feito por sucessivos governos, mas a situação segue difícil. Não é incompleto esse modelo?

Simon - É evidente que sim. A primeira coisa é que o nosso orçamento tem um vazio. Tirou o imposto de exportação e não colocou nada ali. Então ali tem um pilar, que está sendo substituído pelo endividamento. Isso que quero fazer a discussão: vamos sentar com o governo federal e fazer o acerto de contas. Devemos tanto para eles, eles devem tanto para nós: faz a compensação. Está na lei, mas o governo não cumpre, até porque é muito (o dinheiro a ser pago em função da Lei Kandir). Então vamos fazer de outra maneira.

JC - Qual é a sua avaliação do governo Eduardo Leite?

Simon - Coitado do Leite enquanto não fizermos essa compensação... Vai ficar cada vez pior, porque não tem como fazer milagre, nossas fontes de arrecadação são as mesmas, e essa dívida é impagável. Por um lado, Leite teve sorte, conseguiu os impostos (alta das alíquotas do ICMS) por mais dois anos, uma coisa até histórica, com o voto do PT. É uma vitória, fruto da capacidade dele e da grandeza que a oposição teve. Isso é positivo. Essas reformas que ele está fazendo são corretas... Fui governador, a gente fica assim, o professor de um lado e o governador do outro. A professora ganha pouco? Claro, mas o Estado não tem como pagar. O que fazer? Agora, quando se tem, por exemplo, alguns aumentos, aí fica sem graça, professora com mestrado em fim de carreira ganha tanto e o cara da Brigada Militar lá de baixo, cabo (ganha mais). Aí não tem como explicar, procurador, juiz... Concorde que professores são 200 mil e os outros são

menos. Mas alguma coisa tem que ser feita. Como no ditado: "Em casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão". Só que, no Rio Grande do Sul, todo mundo quer, mas alguns têm mais e outros, menos.

JC - E as reformas?

Simon - Ele (Leite) está fazendo o que pode fazer. Também, quando foi candidato, disse que, no primeiro ano, deixaria o pagamento em dia. Agora, isso é uma coisa que se faz em campanha. E o (ex-governador José Ivo) Sartori (MDB) foi um governador de alto estilo, fez uma campanha firme com o Leite, PT, todo mundo batendo, mas ele com muita seriedade, é um grande homem. E pode dormir tranquilo, porque o novo governo está fazendo o que ele quis fazer.

JC - O governo Leite é a continuidade do governo Sartori?

Simon - Sim, em termos dessas questões (financeiras), não tem como fazer diferente. Então está fazendo aquilo que Sartori fez.

JC - O senhor falou que Sartori seria o seu sucessor natural no MDB gaúcho. É o maior nome?

Simon - É no Rio Grande do Sul, e no Brasil é um grande nome, prefeito de Caxias foi fantástico, no Estado, governou muito bem e, cá entre nós, não teve sorte... E saiu com dignidade, um grande nome.

JC - Em 2014, ele não admitia que era candidato. Em 2019, já fez palestras falando do governo que fez. É candidato em 2022?

Simon - É um nome para a prefeitura - não vai querer de jeito nenhum! -, é um nome para governador e um nome para senador. Se depender dele, não quer mesmo. Mas de uma dessas duas não vai poder fugir (senador ou governador). Pode optar, até acho que, hoje, seria melhor ele ir ao Senado.

JC - Jornais do centro do País apontam Eduardo Leite como pré-candidato ao Planalto em 2022. Isso prejudica o Estado na negociação com a União?

Simon - Pelo contrário. Essa é uma questão de Congresso Nacional, não uma questão de presidente. E Leite, por ser um nome jovem, competente, do PSDB, acho até que é um grande nome. E tendo projeção, dá força para ele debater, acho muito bom.

Leia amanhã: Pedro Simon lembra sua trajetória política, fala sobre redemocratização, combate à corrupção e analisa a conjuntura política nacional.

28/01/20 JORNAL DO COMERCIO

'O Brasil mudou, mas é preciso estar atento'

/ENTREVISTA

Guilherme Kolling, de Rainha do Mar
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

O **Jornal do Comércio** publica, hoje, a segunda parte da entrevista com o ex-senador e ex-governador Pedro Simon, que completa 90 anos nesta sexta-feira. Ele fala de sua trajetória política - teve papel importante na redemocratização e no combate à corrupção - e faz uma análise da conjuntura atual. Comenta o governo Jair Bolsonaro, em quem diz que não votou na eleição de 2018, e defende a prisão após a 2ª instância, citando o caso do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Ainda elogia a Lava Jato, o ministro Sérgio Moro e diz que a sociedade deve estar atenta para manter as conquistas da democracia.

Jornal do Comércio - Quais os momentos mais importantes de sua trajetória política?

Pedro Simon - Estou com 90 anos e me sinto inteiro. Esse ano que passou, viajei pelo Brasil inteiro fazendo palestras. Como todo mundo cobra - Lula fazia palestras a US\$ 200 mil - e eu não cobro, todo mundo me convidava. Então, olhando para trás, não sei por onde começar... Uma das lutas que tivemos foi contra a corrupção. O Brasil é um país em que roubar sempre se roubou, mas, ultimamente, era institucionalizado. Não digo que um governo começou. Defendo a tese de que um grupo de empresários se reuniu no sentido de facilitar as coisas, mas terminou abrindo brecha, e o Lula caiu nela. E, no mundo - um país democrático, com Câmara, Senado, Supremo -, o governo praticamente oficializar a corrupção, o Brasil foi o primeiro caso. Então, se não mudar isso, não adianta, por mais que modifique educação, saúde. Isso fez eu me apaixonar (pelo tema). Publiquei 110 livros, muitos com relação à corrupção. Lembro quando levamos a tese da ficha limpa...

JC - Como foi?

Simon - Particpei do grupo que lançou a campanha e fez a coleta de assinaturas. Foi um trabalho espetacular e havia uma guerra contra. A sessão no Senado que decidiu foi emocionante. O povão na frente do Senado, uma montanha de gente e 81 caixões, que era para pegar o corpo do senador que votasse contra. A primeira briga foi a favor do voto aberto, contra o voto fechado. No dia da votação, encaminhamos contra, aí fui falar e falei um tempão, ninguém me tirava da

tribuna. "Olha, meus irmãos, hoje, estamos vivendo talvez o momento mais importante da história desta casa". Falei com a alma. Por unanimidade, foi aprovado (o projeto da ficha limpa), uma coisa fantástica. O mal é que só vai para a cadeia condenado em última instância. E o que acontecia, o juiz condenava, e não acontecia nada.

JC - Recursos na Justiça.

Simon - Recursos... Não tinha prazo, não acontecia nada. Paulo Maluf (PP) foi prefeito, governador, deputado, mas quantas vezes foi processado e não tinha um dia de cadeia? Porque recorria e passava o tempo (prescrevia). Aí, teve a condenação em 2º grau, ia para a cadeia, o Supremo apareceu: Lula na cadeia, presidente da Câmara na cadeia, governador na cadeia, grandes empresários na cadeia, é uma nova realidade. Esse foi o grande passo que demos, e aí a figura do Moro, que muitos vão dizer tem um excesso aqui, um excesso ali.

JC - Teve os diálogos publicados pelo The Intercept Brasil.

Simon - Pode ter havido um excesso aqui, ali; agora, "Moro teve

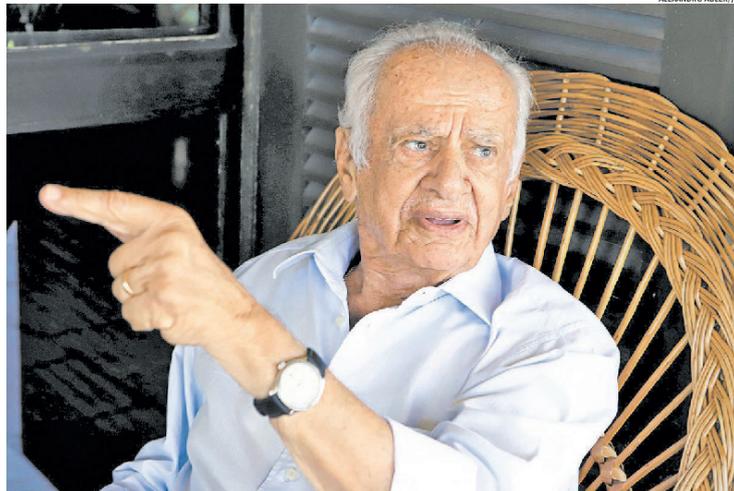
“

“(A prisão após 2ª instância) foi o grande passo que demos no País”

uma atitude imparcial, foi desonesto”, isso não. Tinha o sentido de buscar a verdade, foi o que ele conseguiu, e o Brasil mudou. Por isso, estou percorrendo o Brasil fazendo palestras e dizendo o seguinte: “Hoje, o Brasil mudou”. O que mudou? A sociedade está participando, condenados em 2ª instância vão para cadeia, a mudança está aí... De repente, houve uma reação, e não é o PT, tem gente do MDB, do PSDB, do PP, e empresários que estão no esquema para terminar com a Lava Jato e a prisão em 2º grau.

JC - O senhor acha que a Lava Jato pode acabar?

Simon - Tem risco. O Moro, quando assumiu o ministério, mandou logo o projeto (de lei anticrime), que levou um tempão para votar, foi completamente desfigurado. Agora, a reação é compreensível. Repara que era um movimento enorme para soltar o Lula. Por quê?



Pedro Simon vê avanços no combate à corrupção, elogia Moro e critica falas do presidente Jair Bolsonaro

Por que amam o Lula? Foi uma injustiça? Não, é porque, se o Lula ficar solto, por que os outros vão para a cadeia? Porque aqueles do MDB, do PSDB, um monte de empresários que estão complicados, por que eles vão para a cadeia se o Lula foi solto? Esse é o momento que estamos vivendo. O Supremo votou duas vezes, “vai para a cadeia condenado em 2ª instância”. De repente, o Supremo, em uma cena absurda, volta atrás, fica tudo como era.

JC - O senhor teve um papel importante na redemocratização. No primeiro ano da gestão Bolsonaro, houve declarações dos filhos com críticas à democracia. Até o ministro da Economia, Paulo Guedes, citou o AI-5. Está garantida a normalidade democrática no Brasil?

Simon - Temos que estar atentos, temos que estar atentos... Eu não disse que votei no presidente, porque não tinha como votar. Fiz um voto em branco, já que ele ia ganhar, não precisava do meu voto, eu não ia comprometer o meu voto. Mas reconheci duas coisas: primeiro, a escolha do Guedes foi correta. Guedes escolheu pessoas de passado limpo para o Planejamento, o Banco do Brasil, o Banco Central, o BNDES, pela primeira vez, a área econômica ficou na mão de uma pessoa, que é o Guedes. A segunda é a escolha do Moro para ministro da Justiça. Agora, com relação ao resto, tinha minhas restrições, como tenho até hoje, com os ministros da Educação, do Meio Ambiente, das Relações Exteriores, uma série de confusões e as próprias

declarações do presidente, do filho dele (deputado Eduardo Bolsonaro) com relação ao ato institucional... Hoje, o principal fator de crise do Brasil é a palavra do presidente. Se olhar, quais são as crises? O presidente que disse uma bobagem.

JC - E, no geral, qual é a sua avaliação do primeiro ano de governo Bolsonaro?

Simon - Acho que saímos salvos. Não houve nenhuma derrubada radical, em termos de corrupção do governo, ele continua dizendo as coisas firmes, tem o problema do filho (senador Flávio Bolsonaro), que analiso com muito cuidado. Problema de deputado receber dinheiro de funcionário existe e sempre existiu. Fizaram um levantamento na Assembleia do Rio de Janeiro, aparceraram 40 deputados comprometidos. Pegaram o filho do presidente e vasculharam. Por quê? Porque é o filho do presidente. “Mas acha que não deveriam (investigar)?” Acho que deveriam. Não estou absolvendo o presidente, acho que ele tinha que continuar firme, deixar que investigasse o que tiver que investigar.

JC - Gostaria de um comentário seu sobre alguns nomes da política nacional: Jair Bolsonaro.

Simon - Temos que aceitar. Tem o lado bom, que deve continuar, se Deus quiser; tem o negativo, que ele tem que se compenetrar, porque é presidente, cuidar as palavras.

JC - Luiz Inácio Lula da Silva.

Simon - Fui grande amigo do Lula. No início do governo, olhei com apoio, simpatia, com respeito. Acho que o governo Lula não tinha

uma identidade com corrupção. Os grandes empreiteiros, nos grandes negócios, entraram na corrupção, e o governo foi envolvido.

JC - João Doria (PSDB).

Simon - Governador de São Paulo... Tenho muitas restrições, mas acho que está fazendo um bom governo. Merece respeito.

JC - Ciro Gomes (PDT).

Simon - Acho que do Ciro, tenho carinho por ele, mas a impetuosidade de dizer as coisas, às vezes, uma frase complica. Por exemplo, quando a esposa dele era a Patrícia Pillar, perguntaram “qual é o papel da sua esposa no governo?” “Dormir comigo, você acha que é pouco?” Uma frase dessas complica a vida dele.

JC - Luciano Huck.

Simon - Com todo respeito, uma figura importante, mas não vejo ele em condições para ser candidato à presidência. Podia ser a deputado, vereador, senador. Agora, não é por ser bom apresentador (que pode ser candidato ao Planalto).

JC - Marina Silva (Rede).

Simon - Era boa demais para ser presidente do Brasil, só tinha as qualidades, não tinha os defeitos. Era para ter ganhado de todo mundo. Mas ela colocou no estatuto que não podia ser candidato à reeleição. Os deputados que iam entrar na Rede não entraram, até os que estavam saíram.

JC - Michel Temer (MDB)

Simon - Respeito, mas nunca me identifiquei com ele, nem com o grupo dele. Eu era mais Ulysses (Guimarães), Tancredo (Neves), Teotônio (Vilela), (Miguel) Arraes.

29/01/20 CORREIO DO POVO

TALINE OPPITZ

POR MAUREN XAVIER | INTERINA
mxavier@correiodopovo.com.br**Homenagem a Ibsen**

O MDB/RS prepara uma homenagem especial a Ibsen Pinheiro, no próximo sábado, em Capão da Canoa, durante a celebração dos 90 anos do ex-senador Pedro Simon. "Se o destino quis que Ibsen partisse antes de nós, estaremos lá para lembrar seu legado ao lado do seu grande amigo Simon", disse o presidente do MDB/RS, deputado Alceu Moreira. Para a celebração, são esperadas lideranças nacionais, como o presidente do MDB, Baleia Rossi (SP), a senadora Simone Tebet (MS), e o ex-senador Roberto Requião (PR), entre outros.

31/01/20 O PIONEIRO

Mirante

ROSILENE POZZA

**Visita em Rainha do Mar**

O ex-vice-prefeito de Caxias Antonio Feldmann, mesmo tendo deixado o MDB e estar filiado no Podemos, foi a Rainha do Mar na manhã desta sexta-feira cumprimentar o ex-senador e ex-governador caxiense Pedro Simon pelo aniversário de 90 anos. Feldmann entregou a Simon uma bandeira de Caxias do Sul e uma escultura do artista caxiense Bruno Segalla.

Ele contou que conversaram bastante sobre política. Simon

quis saber como estava cenário pré eleitoral em Caxias. O ex-senador, segundo o ex-vice-prefeito, comentou sobre o impeachment de Daniel Guerra (Republicanos) e disse que não viu motivação suficiente para a cassação.

Feldmann foi à casa de Simon em Rainha do Mar em companhia do emedebista Wagner Cecconi.

– Mesmo que eu tenha saído do MDB, as amizades continuaram – disse Feldmann.

31/01/20 O PIONEIRO / CAPA

AOS 90 ANOS
**“Se for convocado,
vou participar”**

Com mais de cinco décadas de atuação em cargos públicos como senador, deputado estadual, ministro e governador, Pedro Simon rememora o início da formação política em Caxias do Sul.

Páginas 7 e 8

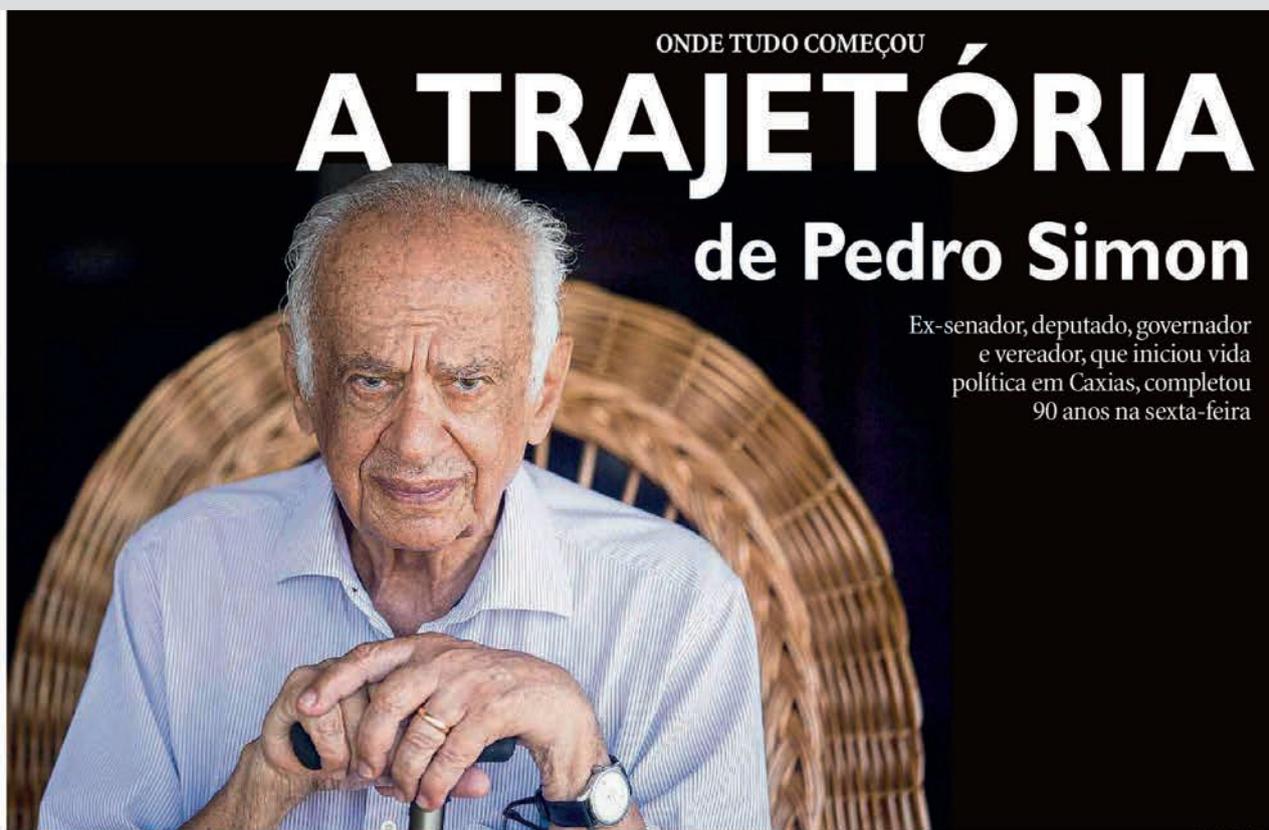


CONTINUA

31/01/20

O PIONEIRO

CONTINUAÇÃO



MATEUS BRUXEL

ONDE TUDO COMEÇOU

A TRAJETÓRIA de Pedro Simon

Ex-senador, deputado, governador e vereador, que iniciou vida política em Caxias, completou 90 anos na sexta-feira

MATEUS FRAZÃO
mateus.frazao@pioneiro.com

Na última sexta-feira, o histórico político gaúcho Pedro Simon completou 90 anos. Aposentado desde 2015, após mais de cinco décadas consecutivas de atuação em cargos públicos, ele encerrou uma trajetória de 32 anos no Senado, 16 anos como deputado estadual do Rio Grande do Sul, um ano como ministro da Agricultura e quatro como governador do Estado. Simon, que chegou a ser chamado de "maior grife da política brasileira" após crescentes e sucessivas votações conquistadas ao longo das décadas em atividade, iniciou sua carreira ocupando uma das cadeiras da Câmara de Vereadores de Caxias, entre 1960 e 1962. O episódio, que marcou o início da trajetória do que viria a se tornar um renomado político brasileiro de raízes gaúchas, simbolizou também o término de sua formação política na cidade, onde não só se criou, mas também descobriu sua aptidão para a oratória.

— Tudo começou em Caxias. E, desde então, Caxias sempre esteve em primeiro plano na minha vida. Tenho muito carinho e recordações gratas. Sempre teve lugar de destaque, como

estudante, professor universitário, vereador, como político — destaca Simon.

Com o auxílio da obra *A fascinante história de Pedro Simon*, escrita por José Bacchieri Duarte, e do próprio, o Pioneiro relembra esse começo, iniciado na migração de famílias libanesas para a região da Serra, nas



Tudo começou em Caxias. Caxias sempre esteve em primeiro plano na minha vida.

primeiras décadas do Século 20, seguido por uma infância difícil e consumada na descoberta da vocação política do jovem Pedro. Apesar da breve atuação no Legislativo, Pedro de destacou como parlamentar atuante, tendo atribuída a ele, por exemplo, a criação da Feira do Livro da cidade e das associações de bairros.

A importância de Caxias na trajetória de Simon é atestada por Bacchieri Duarte, na biografia não-oficial de Simon escrita há quase 20 anos:

"Não há dúvidas de que os primeiros 15 anos de sua vida talvez possam ser apontados como os que mais contribuíram para a formação de seu caráter. Ele sempre diz que três instituições são as grandes responsáveis pela sua formação moral: a Família, a Religião e a Escola. Pois acreditamos ter sido exatamente nesse período em que viveu em Caxias do Sul aquele que, de certo modo mais marcante, diz um trecho de livro.

De sua casa em Rainha do Mar, no município de Xangri-lá, Simon concedeu na quarta (29) esta entrevista de 50 minutos por telefone. Ele relembra a infância, sua trajetória e o desejo de contribuir com a política.

A CHEGADA EM CAXIAS

Em 1898, os libaneses chegavam à Serra. Eles foram atraídos pela promessa de um futuro próspero. Entre as famílias que para cá vieram no decorrer dos 20 anos seguintes, estavam os David, Simon, Sehbe e Kalil, todos oriundos de El Kufur, situada a 80 quilômetros da capital, Beirute. Entre eles estava Jorge Simon, que veio com esposa, Jalila, a filha, Alice, a mais velha da família formada depois também por Salém, Hilda e Pedro.

Perda da mãe e início dos estudos

As famílias pioneiras de libaneses se instalaram inicialmente na região conhecida como "Boca da Serra", localidade próxima de Vila Seca. Ali estabeleceram-se vendendo mercadorias pelas ruas e, aos poucos, foram se mudando para a área urbana. Já aos seis meses, Pedro perdeu sua mãe, Jalila. Passou a ser criado por duas famílias, a formada pelo seu pai, Jorge, e suas três irmãs; e por seus tios que passaram, a partir de então, a pais adotivos, Nicolau e Olga. Desde o princípio, Jorge definiu como prioridade na criação do filho a dedicação aos estudos, decisão que surtiria efeito no futuro e nas prospeções do menino. O pequeno Pedrinho, então, foi matriculado no Colégio Nossa Senhora do Carmo.

Frágil de saúde na infância, Pedro demandava atenção das suas duas famílias, que viviam dias de poucas glórias. Os escassos recursos se tornavam insuficientes para bancar o internato das três irmãs no colégio de Ana Rech e a educação de Pedro: era frequente o recebimento de cobranças pelo pagamento de mensalidades atrasadas. Enquanto Jorge pedia ajuda para

os mais íntimos, o menino fazia sua parte e usava livros de coleções de séries seguintes para não gastar com material, enquanto vestia roupas feitas de retalho costuradas pela própria irmã.

Para piorar, as finanças da família se agravaram quando dois tios de Pedro, sócios comerciais de seu pai, foram assassinados após briga de negócios na celebração de Natal da família em Ana Rech.

Aos 10 anos, Pedro enfrentava outro problema: o atraso pedagógico. Foi então que um conselho indelicado, porém, bem-intencionado, o constrangeu o suficiente para lhe servir de inspiração. A obra *A fascinante história de Pedro Simon* narra a seguinte fala proferida por um ex-professor de Pedro: "Meu filho, por que, ao invés de estares perdendo teu tempo aqui no colégio, não comesças logo a trabalhar. Turco nasceu só para ganhar dinheiro. Teu futuro está no trabalho, não no estudo".

As palavras transformaram o menino, que passou das notas baixas e comportamento rebelde para um aluno aplicado. Uma combinação de poucas horas de sono e muita leitura.

SEGUIE

CONTINUA

31/01/20

O PIONEIRO

CONTINUAÇÃO

Infância nostálgica no Centro

Foi na área central de Caxias que Pedro explorou o vício pela leitura e onde viveu uma infância, que considera feliz, em retrospecto. Foram dois endereços ocupados pela família: na Rua do Guia Lopes, 798, entre a Sinimbu e a Júlio de Castilhos e depois na própria Av. Júlio de Castilhos, 1.575, entre Borges de Medeiros e Marquês do Herval.

Sobre essa época, Pedro recorda com nostalgia:

– Me criei naquela velha Caxias que andávamos de carroça na Júlio e jogávamos bola na frente da minha casa, a duas quadras da Praça (Dante Alighieri). Lembro como era aquela gente, aqueles agricultores. Comprávamos tudo da colônia, menos carne de gado e pão de trigo, o resto tínhamos.



Pedro na infância pelas ruas da cidade.

O PRIMEIRO DISCURSO

“A primeira vez que fiz pronunciamento foi na Semana da Pátria. Era gurizinho, não sei quantos anos, pequenininho,

magrinho”, lembra com diversão Pedro Simon. A idade era 13 anos. O ano, 1943. Vivendo sob o Estado Novo, estabelecimentos de ensino do país precisavam respeitar cronograma

para participar diariamente do hasteamento e arreamento da bandeira nacional. Naquele ano, a responsabilidade cabia ao Carmo, colégio de Pedro.

Sobre o momento, assim narra Bacchieri:

“Com o pátio do colégio tomado por todos os seus alunos, dispostos em formação militar, na presença de muitos familiares, o aluno Pedro Simon foi designado para pronunciar um discurso sobre o significado do evento. E ele falou. Falou bem. Para o velho Jorge, para seus pais de criação, Nicolau e Olga, e para suas irmãs, aquele, sem dúvida, foi o discurso mais bonito que tinham ouvido em toda a vida. Abraçaram o filho e irmão, certos de que os sacrifícios que haviam feito, para proporcionar educação e instrução ao menino, já começavam a apresentar resultados.”

Os dotes como orador então despertaram em Pedro, cuja característica se tornaria marcante na atuação política.

Amigo de Percy de Abreu Lima

Criminalista renomado no tempo que exerceu a advocacia, Pedro foi iniciado no júri por Percy Vargas de Abreu e Lima, que hoje dá nome para a Casa da Cultura de Caxias, era na época inspiração para jovens que exerciam o Direito. Percy era conhecido por ser defensor do marxismo, advogar para pessoas pobres sem cobrar-las e, por isso, viver ele mesmo em situação de dificuldade financeira.

– Foi uma figura extraordinária. Era um comunista, mas não militante, era um romântico. Na nossa geração de advogados ele era o grande líder. Ele advogava e não cobrava de ninguém. Praticamente a gente tinha que ajudar a manutenção dele. Era uma pessoa acima do bem e do mal – diz Simon.

NA IGREJA

Pedro mantinha seu hábito de frequentar a igreja. Também desempenhava a atividade política dentro da igreja. Em episódio peculiar, Bracchieri Duarte narra na biografia a influência que

padres exerciam sobre o voto no final da década de 1940. Em um dos momentos emblemáticos (que Pedro situa ter ocorrido na Igreja de São Pelegrino sob missa ministrada pelo padre – e então vereador – Eugênio Ângelo Giordani, o escritor narra:

“Numa igreja de Caxias do Sul, o padre que rezava a missa, na hora do sermão, depois de ter condenado o candidato do Partido Trabalhista Brasileiro à governança do Estado, determinou aos fiéis que lotavam o templo: ‘Ajoelhem-se todos. Agora digam comigo: juro por Deus que meu voto não será dado ao candidato comunista Alberto Pasqualini’.

Pasqualista, Simon, aos 17 anos, não se conteve:

“Padre, o senhor está cometendo um grande erro e cometendo uma injustiça. (...) Alberto Pasqualini trata-se de um homem de formação humanista, preocupado com a justiça social, com os desafortunados, com as pessoas humildes. Alberto Pasqualini não é comunista”, relata o escritor.

55 anos de vida pública

Embora tivesse se consolidado politicamente na Capital, foi em Caxias que Pedro foi inscrito na nominata para vereador do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), em 1959, na qual seria eleito, pela primeira vez, a um cargo público. Seu mandato durou dois anos e meio (entre 60 e 62), porém, sua atuação foi considerada produtiva. A Simon, por exemplo, atribuiu-se a organização do que viriam a ser as associações de

ra que foi a ditadura – lembra Pedro Simon.

Como presidente estadual e um dos fundadores do MDB, Simon foi também responsável por lançar diretórios municipais por todo o Estado, inclusive em Caxias. Simon nunca deixou o MDB.

A ditadura aguçou as habilidades políticas de Simon. – Eu olho para frente e para trás. Não tenho nenhum inimigo. Mesmo os adversários na ditadura – comenta Simon.

A reputação foi se reforçando ao longo dos anos, o que era traduzido no volume de votos, maior a cada eleição. Tanto que Simon foi reconduzido de cargo a cargo a cada pleito entre 1960 e 2007. Foi ainda governador do Rio Grande do Sul de 1987 a 1990.

No período como senador foi um dos articuladores do Diretas Já e da Aliança Nacional, principal responsável por derrubar a ditadura militar no país.

Simon segue consumindo e palpitando sobre política. Realiza palestras gratuitas pelo país. E aos 90 anos, não pensa em parar.

– Continuo com minhas ideias. Fiz o que deveria ter feito. Olhando para trás eu diria “meu Deus do céu, está na hora de eu morrer”, de tanta coisa que fiz. Vi no jornal essa semana o governador (Eduardo Leite) dizendo que pretende analisar a debater uma tese que defendi anos sobre a compensação da dívida do Estado com a União com a dívida acumulada da União na Lei Kandir. Se eu for convocado a participar, vou participar.



Se eu for convocado a participar, vou participar.

bairros da cidade.

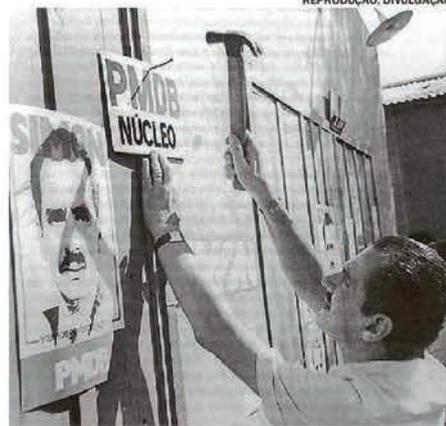
Simon também foi idealizador do 1º Congresso de Estudos Sociais de Caxias do Sul, e o 1º Festival de Cultura de Caxias do Sul, onde foram promovidas atividades que serviriam de inspiração para a criação da Feira do Livro e de amostras de música e teatro na cidade.

Em 1962, Simon concorreu a deputado estadual e foi eleito, tomando posse na Assembleia Legislativa em março de 1963.

Com o fim dos partidos após o Ato Institucional nº 2, de 1965, restaram apenas duas legendas: a Arena e o MDB.

– Em 1964, eu tinha recém assumido, há um ano. Quando percebi, logo depois, já era presidente do MDB diante de toda aquela loucu-

REPRODUÇÃO, DIVULGAÇÃO



Ida para a Capital

Após concluir o segundo ano do Ensino Médio em Caxias, Simon foi morar na Capital com o pai e as irmãs. Matriculou-se no Colégio do Rosário. Os primeiros 15 anos de Pedro coincidiram com a ditadura Vargas, de 1930 a 1945. Ao fim do ciclo, a movimentação política era efervescente. Desempenhou intensa atividade nos grêmios estudantil do Rosário e presidiu o Centro Acadêmico da Faculdade de Direito da PUC, onde promoveu encontros de candidatas a prefeito, governador e até à presidência da República, em época em que não havia televisão. Logo, se projetou.

Posteriormente, Simon voltava para Caxias, onde atuou como professor na Faculdade de Filosofia e na Faculdade de Direito. Também administrava um escritório de advocacia na cidade.

CARREIRA POLÍTICA

- 1960 - Vereador e Líder da Bancada do PTB em Caxias do Sul (1960-1962).
- 1962 - Deputado estadual no período de 1962 a 1978, sendo Líder das bancadas do PTB, MDB e do PMDB.
- 1978 - Eleito senador da República em 1978 para o período 1979 - 1987,

quando participou das seguintes atividades:

- 1985 - 1986 - Ministro da Agricultura.
- 1987 - Governador do Estado do Rio Grande do Sul (1987 - 1990).
- 1990 - Reeleito senador
- 1992 - 1994 - Líder do Governo Itamar Franco no Senado.

- 1998 - Reeleito senador da República com 2.485.111 votos para o mandato da 51ª e 52ª Legislaturas no período de 1999 a 2007;
- 2007 - Reeleito senador da República com 1.862.250 votos para o mandato da 53ª e 54ª Legislaturas no período 2007 a 2015.
- 2015 - Aposentadoria



01/02/20

CORREIO DO POVO

DO LEITOR

Renato Panattieri

Carta a Pedro Simon

Caro Pedro Simon. Escrevo esta carta chamando-o apenas pelo nome: Pedro Simon. Sem títulos, pois seu nome é maior que denominações de senador, governador, deputado ou vereador - postos que exerceu por vontade do povo do Rio Grande e sob os olhos da Nação. Sua história é de combate à ditadura, em favor da Campanha das Diretas e da luta por uma Constituição Cidadã. Seu nome remete a um governo exitoso, que abriu portas a outros emedebistas, como Antônio Britto, Germano Rigotto e Ivo Sartori. Em Brasília, ainda é lembrado como a potente voz de alerta no Congresso. Em todas as circunstâncias, representou a alma do Movimento Democrático Brasileiro - o MDB velho de guerra, como sempre chamou o partido que jamais abandonou. Sei da necessidade de resgatarmos o que sempre significamos. Montamos uma Comissão Executiva Nacional com nove nomes novos. Não basta. É preciso novas práticas. Por isso, realizamos uma pesquisa com a militância para reconstruir bandeiras. Os resultados mostraram que a base do MDB sabe com nitidez o que precisamos: lutar por empregos e renda; defender a democracia e a liberdade. Conhece bem essas bandeiras. Afinal, defendeu-as a vida toda. Celebramos seus 90 anos cientes de que devemos honrar seu nome, pois Pedro Simon é MDB, e MDB é Pedro Simon. Forte abraço!

Baleia Rossi, Presidente do MDB

01/02/20

ZERO HORA

Maiores da história do MDB gaúcho, Pedro Simon celebra aniversário com festa na praia

CARLOS ROLLING

carlos.rollsing@zerohora.com.br

Deputado estadual de oposição ao regime militar, líder do MDB gaúcho, Pedro Simon coordenou, em meados dos anos 1970, uma comissão que tinha o objetivo de instalar no Rio Grande do Sul o terceiro polo petroquímico do país. O emedebista ajudou a reunir diferentes forças da sociedade civil e, dentre suas tarefas, esteve a articulação política com lideranças regionais da Arena.

Quando o presidente Ernesto Geisel concordou em trazer o empreendimento ao Estado, fez um aviso: o terceiro polo deveria ser da Bahia, e o Rio Grande do Sul ficaria com o quarto.

“Mesmo quem tenha divergido do Simon haverá de reconhecer o papel dele, regional e nacional, na luta pela liberdade e pela justiça no Brasil naquela época, alternando firmeza e cautela nas doses necessárias para que chegássemos ao vigor atual da imprensa, do Ministério Público, do parlamento e das instituições.”

ANTÔNIO BRITTO
Ex-governador

Um público definido por Simon como “mar de gente” foi levado até o ato político em Santana do Livramento. A ideia era, diante daquela multidão, apelar a Geisel, usando argumentos técnicos elaborados à época e a expectativa popular como trunfo para fazê-lo passar o Rio Grande do Sul à frente da Bahia. Ponto delicado era definir quem usaria a palavra para tentar emparedar o ditador que ocupava o Planalto.

– O Guazelli olhou, pensou, e anunciou: ‘Em nome do Rio Grande do Sul, vai falar o líder da oposição, Pedro Simon.’ Eu falei numa boa, claro, disse que seria um fato histórico e que todos nós deveríamos ao Geisel a vinda do terceiro polo. Ele acabou concordando. Foi fantástico. Foi uma de-

MATEUS BRUNEL

90 anos de conciliação



Após mais de 60 anos dedicados à vida pública, ex-senador vive em Rainha do Mar

monstração de como fazíamos oposição – diz Simon.

O polo, hoje, se aproxima dos 40 anos de operação em Triunfo. É referência industrial e de geração de tecnologia.

O papel de ser líder da resistência democrática e, paralelamente, dialogar com a Arena, em tempos de supressão de liberdades, prisões e tortura, não era uma tarefa fácil.

– A principal característi-

ca do Simon é a conciliação. O MDB era o partido da resistência e, ao mesmo tempo, da legalidade. Isso muitas vezes era confundido com submissão. A esquerda acusava o MDB e o Simon de serem conciliadores com a ditadura. E a direita os acusava de serem conspiradores – recorda o ex-deputado federal Ibsen Pinheiro, que concedeu a entrevista poucos dias antes de sua morte, ocorrida no

último dia 24 de janeiro.

Ícone da política, Simon completou 90 anos nesta sexta-feira, sendo mais de 60 deles dedicados à vida pública. Nascido em Caxias do Sul, filho de imigrantes libaneses, ingressou no velho PTB e se elegeu vereador em 1958.

A entrada no MDB ocorreu no início da ditadura, quando o Ato Institucional Número 2 instituiu o bipartidarismo.

Foi deputado estadual e, em 1978, se elegeu senador, período em que passou a ganhar projeção nacional ao ter protagonismo na campanha da anistia e no movimento das Diretas Já, que começou em Porto Alegre, na Esquina Democrática.

Nesta época, Simon já era o líder máximo do MDB gaúcho, atuando como recrutador de lideranças que viriam a desempenhar funções relevantes: José Fogaça, Luís Roberto Ponte e o próprio Ibsen, entre outros.

– Entrei no MDB, em 1986, por causa do Simon. Surgiu a Constituinte e o pessoal do Sinduscon (sindicato da indústria da construção civil) achou que eu poderia representar um pensamento liberal. O MDB, na época, tinha muito economista que chamavam de desenvolvimentista, keynesiano. Eu não tinha afinidade nenhuma com isso, mas acabei escolhendo o MDB pela conotação de decência que o Simon representava – conta Ponte.

“Quando cheguei ao Senado e tive a alegria de contar com seu acolhimento e incentivo, suas lições diárias e seu apoio pessoal desde os primeiros momentos, Simon tornou-se para mim mais do que referência política. Tendo origens políticas diferentes, estamos unidos pelo imperativo ético de sempre trabalhar por uma causa coletiva.”

MARINA SILVA
Ex-senadora e ex-ministra

O discurso de despedida da política ocorreu no Senado, em 10 de dezembro de 2014. O velho Simon se aposentou dos cargos públicos, mas não botou o pijama. Aos 90 anos, segue queimando lenha, respirando política em tempo integral, insistindo na tese de que o Rio Grande do Sul precisa fazer um grande movimento de encontro de contas com o governo federal.

– O que me deixa dolorido é que se formou consenso de que a dívida não tem solução. É uma grande tristeza que tenho. Muita gente diz que é bobagem, sugere que eu esqueça, mas me nego. Essa compensação de contas é o primeiro passo para resolver a crise do RS. O que puder fazer e debater sobre isso, vou fazer.

Simon terá oportunidade de discursar neste sábado. Uma grande festa pelos 90 anos do político foi programada a partir das 9h, em Capão da Canoa, na Avenida Poti, 614. Cerca de 800 pessoas são esperadas para o ato organizado pelo MDB gaúcho com apoio da Fundação Ulysses Guimarães.

CONTINUA

CONTINUAÇÃO

01/02/20

ZERO HORA



Paralisação de professores durou mais de 90 dias em 1987 na gestão do emedebista

A greve e a fama de pão-duro

Em 1985, Pedro Simon teve curta passagem pelo ministério da Agricultura do governo de José Sarney e, depois, elegeu-se governador do Rio Grande do Sul. Logo no primeiro ano de mandato, em 1987, uma paulada forte: o magistério entrou em greve por mais de 90 dias devido ao não pagamento de um aumento salarial deixado pelo antecessor Jair Soares (PP). O próprio Simon define o início da sua gestão como "cruel". Quem viveu aquele período, garante que foi uma "guerra".

Os primeiros meses foram muito difíceis. A vitória do Simon gerou expectativa de que tudo se resolveria, a oposição não governava havia mais de 20 anos, e surgiram demandas brutais. Isso se materializou na greve do magistério. Vincularam o piso dos professores a dois salários mínimos e meio. Era impagável e inconstitucional, tanto que o STF contemplou essa tese - diz Cezar Schirmer, que foi chefe da Casa Civil e secretário da Fazenda daquele governo.

A interminável greve deixou se-

quelas nas relações políticas do Estado. Aos poucos, o governo buscou aparar arestas para seguir adiante.

Houve toda aquela guerra com o magistério e a relação com a imprensa não estava boa também. Convencemos o Simon a receber os veículos no Galpão Crioulo do Palácio Piratini, falamos com a Associação Gaúcha de Rádio e Televisão (Agert), e a ideia era fazer uma janta, conversar e diminuir as diferenças. O Simon disse: "Tudo bem, mas só se eles trouxerem a comida". Ele era rígido com o dinheiro público. Era extremamente pão-duro - diz João Carlos Bona Garcia, subchefe da Casa Civil e de Assuntos para o Interior do governo Simon.

As faces positivas do primeiro mandato do MDB no Rio Grande do Sul viriam mais adiante. Houve avanços em infraestrutura rodoviária, com obras lideradas pelo Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (Daer), como a pavimentação da Estrada do Mar. Um legado histórico foi deixado com a construção e inauguração

da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), uma das maiores referências do Estado. Simon, aliás, gosta do tema da cultura. Recorda que, na sua gestão, o governo federal havia construído o novo prédio dos Correios no Centro de Porto Alegre. Com isso, o imóvel anterior da estatal, na Praça da Alfândega, fora colocado à venda.

Ninguém se dá conta disso, mas fui falar com o Antônio Carlos Magalhães, que era ministro (das Comunicações). E convenci ele, aquele baita prédio espetacular foi passado para nós. Hoje funciona lá o Memorial do Rio Grande do Sul. E olha que o Antônio Carlos era meu inimigo - diz Simon.

Meses antes do fim do seu governo, ele deixou o cargo para concorrer ao Senado. Eleito novamente, voltou para o palco político em que se sentiu mais à vontade ao longo da vida. Seriam três mandatos consecutivos na Câmara Alta, entre 1991 e 2015, período em que foi nacionalmente reconhecido pelo discurso contra a corrupção.

Diálogo e crítica

Durante governos do PT, Pedro Simon manteve a moderação: buscava conversar e costurar políticas com adversários, sem abrir mão da crítica e da independência. No período, foi um dos principais defensores da lei da Ficha Limpa. Em 2010, Dilma Rousseff foi a primeira mulher eleita presidente, tendo como vice Michel Temer, cacique do MDB. Simon, outra vez, contrariou a direção nacional, rejeitou a dobradinha Dilma-Temer e se aproximou de Marina Silva, a quem apoiou nas eleições de 2010 e 2014.

Independência no Senado

No início dos anos 1990, com a morte de Ulysses Guimarães, havia expectativa de que Simon pudesse herdar o comando das tradições democráticas do velho MDB, liderando um projeto nacional e, quem sabe, concorrendo à Presidência da República.

Antes do falecimento de Ulysses, em outubro de 1992, o MDB já havia perdido quadros como Mario Covas e Fernando Henrique Cardoso, fundadores do PSDB ainda em 1988. O caminho até parecia aberto para Simon, mas a legenda foi tomada por oligarquias e grupos de interesses regionais.

O partido deixou de ter projeto de nação e candidato ao Palá-

cio do Planalto. O único foco era dominar o Congresso, sobretudo o Senado, para fazer barganha e abocanhar generosas fatias do poder. Simon passou mais de duas décadas sendo marginalizado pelo comando nacional do PMDB.

Ele sempre teve vontade de ser presidente do Senado. Mas, pelas posições que tomava e pelo combate à corrupção, jamais o deixaram ser. Dentro do seu próprio partido, nunca conseguiu apoio para presidir o Senado ou ser candidato a presidente - avalia Bona Garcia.

O ex-senador e ex-prefeito José Fogaça diz que "a corrente política que Simon representava dentro do PMDB não tinha vez, era sempre jogada ao porão".



Com José Fogaça e Ulysses Guimarães na luta pelas Diretas Já, em 1984

Campanha vitoriosa em 2002

O isolamento de Simon na seara nacional foi combustível da maior cizânia do PMDB gaúcho sob o seu comando. Grupos de dissidência contra a direção nacional se formaram no final dos anos 1990, liderados por nomes como o ex-governador Antônio Britto. Mas havia ingrediente extra: Britto e Simon entraram em atrito em razão da hegemonia no comando estadual da sigla.

Nas eleições partidárias de 2001, Paulo Odono era o candidato de Britto. E Schirmer havia sido escalado por Simon para tentar frear o ímpeto de dissidentes e acalmar os ânimos. O ex-ministro Eliseu Padilha, fiel ao PMDB nacional, apoiou Schirmer. O candidato de Simon ganhou, causando debandada do PMDB rumo

ao PPS, liderada por Britto. - Aquele foi o pior momento da liderança dele (Simon). No dia da eleição, colocaram uma publicidade na capa dos jornais. Dizia: 'Sou PMDB, voto Schirmer. Assinado: Pedro Simon'. Então, Odono não era PMDB? Isso me marcou para o resto da vida, foi horrível aquela rasteira. Simon jura que não teve participação naquilo. Acho que tinha o comando do Padilha. Olhando hoje, todos deveríamos ter feito esforço de unidade, mas as coisas não são como a gente quer - lamenta Odono, que nunca mais regressou ao PMDB.

Apesar disso, o partido viria a ganhar a eleição ao Palácio Piratini em 2002 com Germano Rigotto, em campanha "paz e amor" que fez jus à cartilha de Simon.



Ao lado de Lula no lançamento do Fome Zero no primeiro mandato do petista

CONTINUA

CONTINUAÇÃO

01/02/20

ZERO HORA

PEDRO SIMON Ex-governador do Rio Grande do Sul

“Há um movimento geral contra Sergio Moro”, afirma Simon



CARLOS ROLLING
carlos.rolling@zerohora.com.br

A aposentadoria não retirou a solenidade de Pedro Simon. Em trajes sociais e auxiliado por uma bengala, ele recebeu ZH em sua tradicional residência em Rainha do Mar, palco de incontáveis encontros políticos durante o veraneio. Aos 90 anos, fala com entusiasmo e estoura em indignação ao comentar a dívida do Estado com a União.



Fotos acima com imagens das décadas de 1960, 1970 e com Marina Silva, nas eleições de 2010. Abaixo, o adeus ao Senado



O senhor sempre foi oposição ao regime militar, mas não foi preso ou exilado. Por quê?

Com as divergências, fiquei distante do Brizola (Leonel), que entrou na tese do movimento armado. Fui contra. O MDB era resistência, mas a gente não aceitava sequestro de embaixador para trocar por preso. Na época, Brizola também fez campanha pelo voto em branco. Em 1970, o voto em branco quase reduziu o MDB a zero, ficamos com sete senadores só. Fiquei sabendo, muito tempo depois, por um homem que foi meu colega em Caxias, que o meu nome estava para ser cassado. E aí o sogro desse meu ex-colega, o senador Daniel Krieger, que foi presidente da Arena, teria dito: “Conheço esse rapaz, ele coordena a oposição no Rio Grande do Sul, e a militância só não está na linha do Brizola por causa dele. Se ele cair fora, vai ficar sem ninguém, só com o Brizola de referência.” A minha forma de fazer oposição me orgulha muito. Nas horas mais dramáticas, o MDB gaúcho se fez presente. Nós fizemos história.

A pavimentação da Estrada do Mar foi o principal ato do seu governo estadual?

O mais marcante foi termos feito 2,2 mil quilômetros de estrada asfaltada. Fizemos mais do que tinha em todo o Estado naquela época. A Estrada do Mar fizemos em um ano. Tem outras coisas: criamos a Casa de Cultura Mario Quintana, a Secretaria de Ciência e Tecnologia.

A greve do magistério, que durou mais de 90 dias, foi o momento mais difícil?

O início do meu governo foi cruel. Jair Soares (governador que antecedeu Simon) me procurou. Eu era ministro da Agricultura. Ele disse que brigou contra, mas não houve jeito, a Assembleia votou aumento salarial que não tinha como pagar. E eu, burrice à parte, não fiz tanta coisa quanto deveria fazer. Não estava por dentro. Eu estava em outro ambiente, falando em reforma agrária. Não paguei e a greve estourou. Quando fui candidato a governador na segunda vez (foi eleito em 1986 e assumiu em 1987), nem pensava no cargo. Minha mulher e meu filho tinham morrido. Estava no chão, fiquei meses sem sair de casa. Me fizeram candidato sem eu saber. Aí me atirei e fiz campanha de entendimento, queria abrir as portas como governador para juntos conversarmos. Que nada. Partiram para oposição radical. O PT naquele ano elegeu quatro deputados. Paguei esse preço, vieram para cima de mim numa guerra, foi um troço dramático.

O senhor perdeu legitimamente para Jair Soares as eleições de 1982 ao Piratini?

Jair Soares não tem nada com isso, é um belo companheiro. Tenho certeza de que ganhei a eleição de 1982, mas tínhamos o governo federal com as decisões diabólicas que tomava. No dia da votação, uma montanha de voto rasgado. No Rio de Janeiro, foi diferente. Brizola denunciou antes que iriam fazer isso. Ele ficou sabendo antes. Aliás, essa foi uma das maldades. O embaixador da Alemanha avisou o Brizola, e era preciso avisar o candidato a governador no RS. Brizola disse ao embaixador: ‘Deixa que falo com ele’. Ele nunca me falou que iriam mexer aqui na eleição.

Existem relatos de que, na eleição presidencial de 1989, quando a candidatura de Ulysses não decolava, surgiram movimentos para o senhor ser candidato.

O doutor Ulysses era um herói. Só tinha um problema: ele era presidente do partido, presidente

da Câmara, presidente da Constituinte e candidato a presidente da República. O problema dele era uma coisa cerebral, teve momentos em que a depressão piorou. Veio a campanha e ele queria ser candidato. Nós reunimos os governadores do MDB e todos acharam que ele não poderia ser o candidato. Não tinha mais condições. E os governadores disseram: é o Simon o candidato. O problema era na hora de falar com o Ulysses. Quem vai falar? Disseram: “O Simon, que é amigo íntimo”. Aí fui falar, mas a conversa foi dura. Nem cheguei a falar da minha candidatura, só comentei de ele não ser candidato. Ele ficou uma fera. E foi candidato. Se tivéssemos outro, tenho certeza de que a gente ganhava aquela eleição para presidente.

Se o senhor fosse o candidato, o MDB ganharia em 1989?

Não digo que fosse eu. Mas, se não fosse Ulysses, iríamos conversar com o PSDB. Fosse candidato plausível de ganhar, o Covas (Mário) e o PSDB viriam com a gente. Outros também.

Dos presidentes pós-redemocratização, qual foi o melhor?

Itamar (Franco). Ele criou uma comissão para cuidar de todos os casos de corrupção. No ministério do Itamar, ninguém entrou por troca-troca. Ele criou o Plano Real debatendo e analisando com o Congresso. FHC era ministro (da Fazenda), e eu era líder do governo no Senado. Itamar não deu um copo d’água para ninguém na votação do Plano Real. A imprensa estava com liberdade total.

Há quem considere o senhor e o Brizola adversários históricos. Como define a relação com ele?

Tivemos divergências. Entendo o Brizola, desde a mocidade foi aguerrido, mas achava que ele deveria ter usado toda essa energia em causas nossas, no sentido de nos unirmos para derrubar o governo. Fui buscar Brizola no estrangeiro (exílio), fui com ele até São Borja. A gente queria se entender, mas, de cara, na descida do avião, o Brizola começou a chamar deputados para irem ao partido dele. Nem discutiu isso comigo.

Após a morte de Ulysses, o então PMDB foi tomado por oligarquias e o senhor passou a ser excluído?

Um grupo fechado dominou o PMDB e o Senado, Ulysses morreu. Tancredo morreu. Teotônio (Vilela, senador) morreu. Ficaram Renan (Calheiros), Sarney (José), Jucá (Romero), Jader (Barbalho). Dá pena, né? Eu só não morri. Realmente, toda aquela nossa turma desapareceu.

O senhor não pensou em deixar o PMDB?

Pensei muitas vezes. Mas, sinceramente, não encontrei nem ambiente em outros lugares.

Qual a sua avaliação sobre os vazamentos de mensagens da Lava-Jato?

Acho piada. Moro (Sergio) fez alguma vigiarice? Não. Até pode ter havido algum exagero aqui ou acolá. Agora vem juiz de garantia, Lei de Abuso de Autoridade, tudo por causa da Lava-Jato.

O senhor avalia eventuais excessos da Lava-Jato como um mal menor?

Não houve esquema para demolir o PT. Atingiu todo mundo. Olha o que fizeram com o Temer (Michel). O PSDB teve problemas, o PP e companhia. Um monte de gente. E esses empresários que devem estão se movimentando para acabar com tudo. Moro é um cara sério. Apareceu a proposta de ser ministro, o presidente disse que ele teria liberdade. Aí pegaram o filho do presidente (Flávio Bolsonaro), o pacote anticrime foi modificado. Há movimento geral contra o Moro.

Inclusive de Jair Bolsonaro?

Se tu fores ver nessas Assembleias (legislativas), o que tem de mistura de deputado com funcionário é um negócio incrível. Na do Rio, só tem um sendo investigado, o filho do presidente. Alguma dúvida de que isso ocorre por ser o filho dele? Não sou contra investigar, mas isso foi feito para amarrar o presidente. Se é filho meu, não sei o que faria. E o presidente perdeu aquilo que ele garantiu que daria ao Moro.

02/02/20



ARMANDO BURD

APLAUSOS À BRAVURA DO LÍDER

○ MDB promoveu evento histórico, ontem, para comemorar os 90 anos de Pedro Simon. Mais de 1 mil filiados, militantes e simpatizantes do MDB lotaram a sede do Capão da Canoa Futebol Clube.

O grupo executivo, coordenado pelo deputado estadual Sebastião Melo, encontrou uma nova e eficiente forma. Houve a substituição dos longos e tradicionais discursos por três painéis. Em cada um deles foram ouvidos sete depoimentos, limitados a três minutos, sobre diferentes momentos da carreira política do homenageado. Na mediação estiveram os jornalistas José Barrionuevo, Erico Valduga e este colunista.

Sobre o passado e o futuro

No encerramento, Simon fez discurso em que relembrou as campanhas em favor das Diretas Já, da Constituinte, da anistia e da liberdade de Imprensa.

Defendeu ainda a prisão dos réus condenados após sentença em segundo grau e a cobrança de 60 bilhões de reais que o governo federal deve ao Rio Grande do Sul, desde que passou a vigorar a Lei Kandir em 1996.

03/02/20

Comemorações marcam os 90 anos de Pedro Simon

Evento em Capão da Canoa reuniu 900 pessoas, entre políticos, militantes, amigos e familiares, que celebraram a sua trajetória

CHICO IZIDRO

O ex-senador e ex-governador gaúcho Pedro Simon foi homenageado pelos seus 90 anos no Capão da Canoa Futebol Clube (Mariscão). O evento organizado pelo MDB-RS em parceria com a Fundação Ulysses Guimarães foi intitulado “Uma Trajetória de Lutas”. Mais de 900 pessoas estiveram presentes na festa, na manhã de sábado, que contou com a presença de políticos, militantes, amigos e familiares. Simon completou nove décadas de vida na sexta, mesmo dia do aniversário de sua neta, Isabela.

Quando chegou ao evento, pouco depois das 9h, foi saudado pelas pessoas, que gritavam o slogan “Simon, guerreiro do povo brasileiro”. A programação contou com apresentações musicais – Isabela Fogaça, por exemplo, interpretou “Pra não dizer que não falei de flores”, clássico sessentista de Geraldo Vandré –, exposições fotográficas mostrando a trajetória de Pedro Simon e muitos depoimentos de pessoas que conviveram com ele



Exposição fotográfica foi uma das homenagens ao ex-governador

ao longo dos anos.

Paciente com todos os que lhe cercaram para o abraçar, tirar fotos ou saudar, Pedro Simon disse humildemente que “uma reunião como esta não deveria ser feita para ele”. “Quem deveria ser lembrado, saudado era Ulysses Guimarães, Tancredo Neves”, afirmou. “Mas em meus 90 anos de vida, eu resumo toda a minha trajetória política na luta que tive pelo restabe-

lecimento da Democracia após 21 anos de ditadura, de falta de liberdade”, completou, lembrando essa luta política em diversos momentos de seu discurso.

Presente, o presidente do MDB Nacional, deputado Baleia Rossi (SP), enalteceu a atuação de Simon para a democracia brasileira. “Teve coragem quando era preciso, teve a moderação, a calma e a sensatez quando necessário”, pontuou.

Políticos ressaltam a luta pela democracia

Políticos marcaram presença no evento em homenagem a Pedro Simon. O advogado João Carlos Bona Garcia, fundador do MDB-RS e que foi asilado político no período da ditadura, parabenizou a postura de Simon. “Ele nunca abriu mão de suas convicções, de suas lutas pelo povo brasileiro contra a ditadura. Esse é o Simon que conheço, uma pessoa que não se dobra aos poderosos”, destacou. Resaltou ser grato pela Lei de

Anistia, que teve grande participação do homenageado. “Assim pude retornar para meu país, depois de ser asilado no Chile, Argentina, Argélia e França”, enumerou.

O ex-governador José Ivo Sartori disse, por sua vez, que Pedro Simon “foi alguém que conduziu muito bem o Rio Grande do Sul e que nos liderou pela volta da democracia”, agradeceu.

O presidente do MDB-RS, deputado federal Alceu Moreira,

afirmou ser Simon “o nosso maior ícone político”. “A história política do Rio Grande do Sul passa por ele, que ao longo de décadas sonhou o exercício mais sublime, a democracia”, disse. Para o deputado estadual Sebastião Melo, o homenageado “é um exemplo para todas as pessoas”. O ex-senador José Fogaça contou que Simon foi o seu professor político. “É o meu guru. A pessoa que me fez decidir entrar na vida pública”, disse.

03/02/20

Simon celebra os 90 anos com três ex-governadores

Comemoração pública do emebista aconteceu em Capão da Canoa

/ PARTIDOS

Thiago Copetti, de Capão da Canoa
thiago.copetti@jornaldocomercio.com.br

A comemoração pública dos 90 anos do ex-governador Pedro Simon lotou, neste sábado, o clube do Estádio Mariscão, em Capão da Canoa, cidade onde o político liderou uma caminhada histórica, há 35 anos, em favor das Diretas Já. A homenagem, organizada pelo MDB gaúcho, com apoio da Fundação Ulysses Guimarães, também foi responsável por unir na cidade litorânea três ex-governadores gaúchos, além do próprio Simon: Germano Rigotto (MDB), Yeda Crusius (PSDB) e José Ivo Sartori (MDB).

Representantes de diferentes partidos (PDT, PP, PSDB e PSB, por exemplo) saudaram a data e lembraram a trajetória do ex-governador, nascido em 31 de janeiro de 1930, em Caxias do Sul. Rigotto, conterrâneo de Simon, que poderá voltar a disputar uma vaga no Congresso nas próximas eleições, se disse um forte apoiador da proposta de Simon referente à Lei Kandir, para que seja usada com compensação às dívidas do Estado com a União. Admite que a cobrança em si é pouco ou nada viável, mas a compensação, sim. “É a união de diferentes esforços que pode levar a isso”, destacou Rigotto.

Em seu discurso, no qual também homenageou o ex-deputado federal Ibsen Pinheiro, falecido em 24 de janeiro, Simon classificou a volta da prisão em segunda instância, revogada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em novembro de



Pedro Simon defendeu retomada da prisão após a segunda instância

2019, fundamental para a credibilidade do Brasil. “Se isso for retomado, será o primeiro passo para o futuro do país”.

Yeda Crusius, em sua fala, agradeceu ao aniversariante a própria carreira. Disse que foi inicialmente pelas mãos de Simon que fez um carreira política tão expressiva. “Ele sempre foi um apoiador das mulheres na política. Foi pela suas mãos que eu e muitas outras mulheres estão na política e na gestão pública”, elogiou Yeda.

Entre as muitas lembranças da importância de Simon para a política nacional, para a democracia e com exemplo, Sartori resumiu o decano como uma “estrutura”. “Ele é uma lenda e uma estrutura sólida, que capacitou muita gente, em diferentes sentidos. E infelizmente são líderes como ele o que nos fazem tanta falta hoje”, resumiu Sartori.

Apesar de ter cumprido agenda no Litoral Norte na sexta-feira, o atual governador do Estado, Eduardo Leite (PSDB), não esteve presente nas homenagens.

Aplaudido e lembrado por diferentes lideranças políticas, amigos e militantes pelos feitos ao longo de 65 anos de política, Simon é apontado como o “governador das estradas”, pela extensão de rodovias pavimentadas em seu governo, e pela criação do Fundopem. Pelas causas que defende e pela imagem que sempre manteve de austeridade, com os recursos públicos e os próprios, foi definido pelo atual presidente do MDB no Estado, o deputado federal Alceu Moreira, como um exemplo atual e necessário. “Não existe nova ou velha política, existem bons ou maus políticos. E dos bons, Simon é o maior exemplo”, resumiu Moreira.

A marcha de Capão

As imagens da caminhada pela democracia, liderada por Simon no dia 19 de fevereiro de 1984, na beira da praia de Capão da Canoa, se tornaram um símbolo do movimento das Diretas-Já e da própria trajetória política do também ex-senador. Pela areia, protestaram banhistas que foram se agregando à marcha, chegando à marca de 50 mil pessoas. A ocasião foi devidamente lembrado pelo próprio Simon no encerramento do evento de seus 90 anos. “A ideia era fazer a caminhada em Porto Alegre, naquela que hoje é a Esquina Democrática, mas as pessoas ainda tinham medo. Viemos, então, para Capão, onde na beira da praia se começou uma caminhada que depois se espalhou pelo Brasil.”



Passeata no litoral gaúcho se tornou símbolo das Diretas-Já

03/02/20

DIÁRIO DE SANTA MARIA

Jaqueline Silveira



jaqueline.silveira@diariosm.com.br

Homenagem e reconhecimento ao líder histórico

O MDB celebrou os 90 anos de um dos maiores líderes políticos do Estado e do país, Pedro Simon, com uma grande festa, no sábado, em Capão da Canoa, Litoral Norte. O ex-senador foi homenageado e reverenciado numa exposição com 15 fatos marcantes da sua trajetória política: “Pedro Simon, uma trajetória de lutas” e nas manifestações das principais lideranças gaúchas do partido e também do Brasil – representadas pelo presidente nacional, deputado Baleia Rossi, e pelo ex-senador Roberto Requião e pela senadora Simone Tibet.

Já Simon, em seu discurso, reverenciou outros políticos históricos que lutaram pela redemocratização do país, como Ulysses Guimarães, Teotônio Vilela e Ibsen Pinheiro, que morreu no dia 24 de janeiro e foi também homenageado no encontro. “O povo brasileiro assistiu às maiores transformações do Brasil de camarote. Porém, a maior mudança, de derrubar uma ditadura cruel e restabelecer a democracia, foi feita pelo povo”, observou ele, num apelo pela participação das pessoas na vida política. Católico, Simon acabou o discurso agradecendo a homenagem e rezando a oração de São Francisco de Assis.

A presença de políticos de outros partidos na festa dá uma dimensão do tamanho da figura de Simon. Estiveram presentes, além de depu-



GALILEU OLDENBURG, PMDB, DIVULGAÇÃO

tados estaduais e federais, prefeitos e vereadores do MDB, os ex-governadores emedebistas José Ivo Sartori e Germano Rigotto e Yeda Crusius (PSDB), o ministro da Cidadania, Osmar Terra (MDB), os ex-ministros Odacir Klein (MDB) e Luís Roberto Ponte (MDB) e Francisco Turra (Progressistas), o ex-senador José Fogaça (MDB), o prefeito de Porto Alegre, Nelson Marchezan Júnior (PSDB), o ex-presidente estadual do PDT e atual presidente do Grêmio, Romildo Bolzan. Da região, estavam o ex-prefeito Cezar Schirmer, que participou de um dos painéis que recontaram a trajetória de Simon, o suplente de deputado e chefe da Assessoria Especial Parlamentar e Federativa do Ministério da Cidadania, Beto Fantinel, e o vereador de Restinga Sêca Norton Soares.

03/02/20

ZERO HORA

**ROSANE DE OLIVEIRA**

rosane.oliveira@zerohora.com.br
@rosaneoliveira

Aos 90 anos, Simon esbanja energia



LAURO AUVES

As centenas de pessoas que lotaram o salão do Capão da Canoa Futebol Clube, no sábado pela manhã, para homenagear o ex-senador Pedro Simon pelo seu 90º aniversário testemunharam um momento ímpar da política brasileira.

Amigos, parentes, companheiros do MDB e líderes de outros partidos acompanharam emocionados a sequência de homenagens a um dos políticos mais queridos do Rio Grande do Sul,

respeitado dentro e fora dos limites do Estado.

O salão foi decorado com 15 painéis que retratavam os principais momentos da trajetória política de Simon. Passos firmes, usando apenas uma bengala como apoio, o ex-governador circulou pela exposição esbanjando energia e disposição para tirar fotos com os convidados.

Quando pegou o microfone para discursar, Simon incorporou o tribuno que foi

durante mais de 60 anos.

A vitalidade, a lucidez e a força dos gestos impressionaram a plateia. Quando a cantora Luisa Holsback, da ONG Sol Maior, interpretou a música *Coração de Estudante*, quase todos foram às lágrimas.

O momento de maior emoção ficou por conta da única neta, Isabela, filha do deputado Tiago Simon. A menina, que completou oito anos no dia em que o avô quebrou o protocolo e fez uma homenagem ao avô.

INSERÇÕES ONLINE





O SUL

Aplausos à bravura do líder

Por Armando Burd | 2 de fevereiro de 2020



Caravanas de todo o Estado vieram a Capão da Canoa para homenagear Pedro Simon. (Foto: Galileu Oldenburg / Divulgação)

<https://www.osul.com.br/aplausos-a-bravura-do-lider/>

GAÚCHA ZH

HOMENAGEM AO VETERANO

Simon esbanjou energia na festa dos 90 anos

Ex-governador e ex-senador recebeu o carinho de amigos, parentes e políticos do MDB e de outros partidos.

02/02/2020 - 22h07min
Atualizada em 02/02/2020 - 22h07min



GZH EXCLUSIVO



MAIS LIDAS

1 Senador Cid Gomes tenta invadir batalhão da PM com retroescavadeira e é baleado



2 Operação da Polícia Civil combate grupo que agia como milícia em Canoas



3 Três volantes no Grêmio, sonho com Seleção e parceria com Cristiano Ronaldo: um papo com Lucas Silva



4 Receita libera programa para preenchimento do



<https://gauchazh.clicrbs.com.br/columnistas/rosane-de-oliveira/noticia/2020/02/simon-esbanjou-energia-na-festa-dos-90-anos-ck65r8d1x0fpr01qd893wowhb.html>

CORREIO DO POVO

Pedro Simon recebe homenagens pelos 90 anos

Evento, ocorrido em Capão da Canoa, reuniu mais de 900 pessoas, entre políticos, militantes, amigos e familiares

02/02/2020 | 14:44
Por Chico Izidro



<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADtica/pedro-simon-recebe-homenagens-pelos-90-anos-1.397096>

JORNAL DO COMERCIO

PARTIDOS 01/02/2020 - 15h24min. Alterada em 02/02 às 10h16min

Quatro governadores celebram os 90 anos de Simon em Capão da Canoa



https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/politica/2020/02/723512-homenagem-aos-90-anos-de-pedro-simon-reune-centenas-em-capao-da-canoa.html



GAÚCHA ZH

CELEBRAÇÃO

Políticos e amigos comemoram aniversário de 90 anos de Pedro Simon em Capão da Canoa

Evento foi marcado por homenagens e lembranças de momentos marcantes da carreira do político

04/02/2020 - 15h13min



Evento aconteceu no salão do Capão da Canoa Futebol Clube

MAIS LIDAS

- Três volantes no Grêmio, sonho com Seleção e parceria com Cristiano Ronaldo: um papo com Lucas Silva
- Senador Cid Gomes tenta invadir batalhão da PM com retroescavadeira e é baleado
- Cão espera carteiro todos os dias para ganhar abraço
- Operação da Polícia Civil combate grupo que agia como milícia em Canoas

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/02/politicos-e-amigos-comemoram-aniversario-de-90-anos-de-pedro-simon-em-capao-da-canoa-ck63wzhmm0deb01mvkvhny968.html>

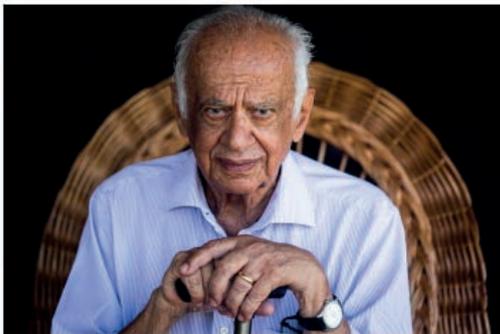
GAÚCHA ZH

HISTÓRICO DE CONCILIAÇÃO

Maior nome da história do MDB gaúcho, Pedro Simon completa 90 anos

Com 60 anos de vida pública, político foi governador e senador por quatro mandatos

31/01/2020 - 16h16min
Atualizada em 31/01/2020 - 18h08min



MAIS LIDAS

- Caixa lança crédito imobiliário com taxa fixa a partir de 8% ao ano
- Cão espera carteiro todos os dias para ganhar abraço
- Da tranquilidade em campo à paciência no trânsito de BH: ex-atacante do Inter tem nova vida como motorista
- Três volantes no Grêmio, sonho com Seleção e parceria com Cristiano Ronaldo: um papo com Lucas Silva

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/01/maior-nome-da-historia-ck62fust20d1o01mvyf7e7ynl.html>

GAUCHA ZH

EX-GOVERNADOR COMPLETA 90 ANOS

Greve dos professores, costuras políticas e racha com o MDB nacional: relembre histórias de Pedro Simon

Político gaúcho colecionou histórias marcantes ao longo da carreira

31/01/2020 - 16h16min
Atualizada em 31/01/2020 - 18h09min



MAIS LIDAS

1
Senador Cid Gomes tenta invadir batalhão da PM com retroescavadeira e baleado



2
Operação da Polícia Civil combate grupo que agia como milícia em Canoas



3
Em férias, Ana Maria Braga desaprova entrevista de Lucas do 'BBB 20' no 'Mais Você': 'Sem palavras'



4
Três volantes no Grêmio, sonho com Seleção e parceria com Cristiano



<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/01/greve-dos-professores-costuras-politicas-e-racha-com-o-mdb-nacional-relembre-historias-de-pedro-simon-ck62gf8hu0d2201mvgoff2qii.html>

GAUCHA ZH

"Nas horas mais dramáticas, o MDB gaúcho se fez presente", diz Pedro Simon

Ex-governador e ex-senador pelo Rio Grande do Sul recebeu a reportagem em Rainha do Mar

31/01/2020 - 17h21min
Atualizada em 31/01/2020 - 18h19min



MAIS LIDAS

1
Três volantes no Grêmio, sonho com Seleção e parceria com Cristiano Ronaldo: um papo com Lucas Silva



2
Operação da Polícia Civil combate grupo que agia como milícia em Canoas



3
Cão espera carteiro todos os dias para ganhar abraço



4
Senador Cid Gomes tenta invadir batalhão da PM com retroescavadeira e é



<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/01/nas-horas-dramaticas-o-mdb-gauchose-fez-presente-diz-pedro-simon-ck62hapm20d2k01mvi5skerid.html>

RADIO CAXIAS

Política

31/01/2020 | 16h07

Evento em Capão da Canoa comemora os 90 anos do senador Pedro Simon



Lembrado principalmente pela atuação na redemocratização do Brasil, o ex-senador Pedro Jorge Simon completa 90 anos de idade nesta sexta-feira (31). Para marcar a data, no sábado (01) o MDB-RS e o Instituto Ulysses Guimarães promovem em Capão da Canoa, no Litoral Norte, o evento "Pedro Simon, 90 anos - Uma Trajetória de Lutas".



Foto: Assembleia Legislativa RS/Divulgação

<https://radiocaxias.com.br/portal/noticias/evento-em-capao-da-canoa-comemora-os-90-anos-do-senador-pedro-simon-111307>

POLÍBIO BRAGA

Três ex-governadores celebram os 90 anos de Simon em Capão da Canoa



A comemoração dos 90 anos do ex-governador Pedro Simon lotou, neste sábado, o clube do Estádio Mariscão, em Capão da Canoa.

Passaram pelo estádio Germano Rigotto (MDB), Yeda Crusius (PSDB) e José Ivo Sartori (MDB).

Apesar de ter participado de um encontro político em Capão da Canoa na sexta-feira, o atual governador do Estado, Eduardo Leite, não esteve presente nas homenagens.

Simon foi aplaudido e lembrado por diferentes lideranças pelos feitos ao longo de 65 anos de política.

<https://poilibiobraga.blogspot.com/2020/02/quatro-governadores-celebram-os-90-anos.html>

ASSESSORIA DE IMPRENSA



FUNDAÇÃO
ULYSSES
GUIMARÃES



MDB-RS.ORG.BR



/mdbrs15



@mdbrs15



(51) 99969.6325